

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ASPECTOS DA IMAGEM CORPORAL DOS PRESBITERIANOS DE
JATAÍ – GO

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Campinas

2002

KATIÚSCIA RODRIGUES SILVÉRIO

**ASPECTOS DA IMAGEM CORPORAL DOS PRESBITERIANOS DE
JATAÍ - GO.**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado, defendida por Katiúscia Rodrigues Silvério e aprovada pela Comissão Julgadora em 16 de Dezembro de 2002.



Prof. Dra. Maria da Consolação G. Cunha F.
Tavares.

Campinas

2002

UNIDADE	Be
Nº CHAMADA	T/UNICAMP Si 39a
V	EX
TOMBO BC/	53125
PROC.	124108
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	15/04/03
Nº CPD	

CM00181390-9

BIB ID 287910

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-
UNICAMP**

Si39a Silvério, Katiúscia Rodrigues
Aspectos da imagem corporal dos presbiterianos de Jataí - GO/
Katiúscia Rodrigues Silvério. – Campinas: [s.n.], 2002.

Orientador: Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade
Estadual de Campinas.

1. Imagem Corporal. 2. Presbiterianos – Jataí (GO). 3. Homem. 4.
Mulheres. 5. Educação Física. I. Tavares, Maria da Consolação Gomes
Cunha Fernandes. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^ª Dr.^ª Maria da Consolação G. Cunha F.
Tavares (presidente)

Prof.^ª Dr.^ª Eliane Moura (membro)

Prof. Dr. Edison Duarte (membro)

2023/2572

DEDICATÓRIA



“Dedico este trabalho ao Deus que sobrepuja as doutrinas eclesiais, que me faz olhar criticamente e questionar o que a igreja tem feito do homem...”

AGRADECIMENTOS

Não tenho palavras para agradecer a vocês Papai, Mamãe, Cris e Giou que, sem medir esforços me incentivaram e ajudaram a conquistar mais essa vitória. Obrigada por cuidar da Laura, do Lucas e de mim com tanto carinho e em todos os momentos em que eu precisei. Amo vocês!

Ao Sandro e Lucas pelo amor, apoio e compreensão nos momentos em que eu estava ausente.

Obrigada Laura, essa conquista também é sua amorzinho... pois você esteve presente em todos os momentos, antes mesmo de você nascer...

Obrigada às Igrejas Presbiterianas de Jataí e aos membros que foram sujeitos desta pesquisa.

À minha querida Fê, seu amor foi imprescindível nos momentos mais difíceis...

Ao Pastor Ézio que com sua indispensável ajuda me permitiu ver o mundo de uma maneira diferente... Você foi e será sempre um grande amigo...

A você Consolação, palavras são insuficientes para expressar minha gratidão, não somente pela orientação deste trabalho, mas pelo privilégio da convivência com uma das pessoas mais sensíveis e admiráveis que já conheci... Você é uma dessas pessoas belas e raras que conhecemos e que se tornam parte de nós. Obrigada!

Obrigada Prof. Edison Duarte, durante esse mestrado aprendi muito com você, além de ser extremamente inteligente, é também uma pessoa extremamente fantástica!

Obrigada Eliane Moura por me proporcionar os momentos da qualificação, em que me delicieei ouvindo um pouco do seu conhecimento.

À Capes e aos coordenadores do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP/UFG.

Aos colegas da Faculdade de Educação Física do CAJ/UFG, que “seguraram as pontas” para que eu pudesse ter mais tempo para escrever, muito obrigada!

Às minhas queridas colegas e amigas Minéia e Vivianne, sem vocês eu nem teria iniciado o mestrado. Em especial a você, Cátia, que apesar da distância que há entre nós, você será sempre meu exemplo, minha amiga, a pessoa que desde o início me ajudou, incentivou e se preocupou comigo. Obrigada sempre!

Enfim, e acima de tudo, Soli Deo Gloria!

RESUMO

O homem é um ser emocional e experimenta cada um sua própria maneira de ver e sentir o mundo e as coisas. Sentimos, percebemos e expressamos através da unidade que é o corpo. A imagem corporal é a vivência dessas sensações com o mundo e com o próprio corpo, e é através do corpo que essas sensações ganham significado final. Nesta pesquisa tivemos como objetivo, verificar alguns aspectos da imagem corporal de professores de Educação Física presbiterianos e membros das Igrejas Presbiterianas de Jataí – GO. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi do tipo qualitativa com pesquisa de campo feita através da aplicação do teste “A Minha Imagem Corporal” de David Rodrigues (1999). Nos resultados algumas questões significativas foram levantadas para discussão, como: as relações de gênero nas aulas de Educação Física, a repressão da mulher e a possível ligação estabelecida pelos presbiterianos entre doença e pecado. Ao considerarmos que a imagem corporal descreve nossas ações, somos levados a refletir sobre a nossa própria imagem corporal, uma vez que, enquanto professores de Educação Física, trabalhamos com corpos. Os conceitos passados pela doutrina cristã, especificamente a presbiteriana, são incorporados por seus adeptos e manifestados através de suas atitudes principalmente nas aulas de Educação Física. Algumas questões como: as relações de gênero enquanto opostos, que encontram grande força na sociedade, são reforçadas pela religião. Assim sendo, para trabalhar com essas questões é necessário refletir sobre alguns aspectos da imagem corporal do nosso aluno, bem como, o próprio professor de Educação Física que é presbiteriano, refletir sobre a sua imagem corporal e conseqüentemente sobre sua prática pedagógica.

ABSTRACT

The human being is an emotional and enjoys, each one, their own way to see and feel the world and all the things. We feel, perceive and express among the unit that is the body. The corporal image is the experimentation of these sensations with the world and with our own body, and it's between the body that these experimentations succeed final meaning. In this research we had the objective, verify some aspects of the Presbyterians physical education professor's corporal image as like members of the Presbyterian Churches from Jatai-GO. The used methodology in this research it's qualitative with field investigation among the test application "A Minha Imagem Corporal" by David Rodrigues (1999). In the results, several significant questions has been growing up to discuss, something like: the genre relations in the physical education classes, the women repression, and the probably associations recognized for the Presbyterians between sickness and sin. When we consider that the corporal image express our actions, we've been taken to get echo about our own corporal image, considering that while physical education professors, the bodies are our 'work objects'. All the concepts received from Christian set of guidelines, especially the Presbyterian, are incorporated by his adepts and expressed among your attitudes first and foremost in the physical education classes. Many questions like: genre relations while opposites, who found great resonance in the society, are enhanced in the religion. In this way, to work with these questions its required to reflect some aspects about our students corporal image, as like, the Presbyterian physical education professor, reflect about your own corporal image and as a result about your pedagogic practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 IMAGEM CORPORAL.....	08
3 A IGREJA PRESBITERIANA EM JATAÍ-GO.....	21
3.1. A inserção da Igreja Presbiteriana na cidade de Jataí.....	24
4 METODOLOGIA.....	26
4.1. Procedimentos metodológicos.....	26
4.2. Campo da pesquisa.....	26
4.3. Sujeitos da pesquisa.....	27
4.3.1. Amostragem.....	27
4.4. Instrumento metodológico.....	28
4.5. Procedimentos para a coleta de dados.....	29
5 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	31
6 DISCUSSÃO.....	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
9 ANEXO 1.....	75
10 ANEXO 2.....	92
11 ANEXO 3.....	97

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o foco de estudos da Educação Física é o corpo, e que uma das grandes preocupações da mesma é buscar a compreensão do corpo. Falamos e trabalhamos com corpos, mas muitas vezes não olhamos verdadeiramente para “o corpo”. Moreira (1994) aponta esta incoerência quando coloca que: ... *temos um corpo, conhecemos muito sobre um corpo, mas não somos um corpo, não sabemos o corpo (...) perdeu-se a sua unidade original, a sua comunhão com outros corpos e com as coisas.* (p.54) Buscar a compreensão do corpo é resgatá-lo, e resgatá-lo é vê-lo em sua complexidade, em sua unidade.

Apesar de nem sempre acontecer na Educação Física, é papel da mesma a (re)construção dessa unidade do corpo. Mas não podemos nos propor a discutir a unidade do corpo, deixando rastos no caminho... precisamos olhar o pano de fundo, ou o que está implícito nas posturas dos nossos alunos em relação a seus corpos.

Merleau-Ponty (1999) afirma que:

Na visão, apoio o meu olhar em um fragmento da paisagem, ele se anima e se desdobra, os outros objetos recuam para a margem e adormecem, mas não deixam de estar ali. (p. 104)

Olhamos para o nosso aluno, percebemos suas expressões e manifestações, e podemos até compreender que suas atitudes são carregadas de sensações em relação ao mundo e ao corpo. Mas precisamos buscar cada detalhe dessa imagem do corpo. Ampliando nossos conhecimentos, podemos ir além da descoberta da sensação, mergulhando no mundo dos significados.

Moreira citado por Simões (1998)

Compara o desvelar do fenômeno com o "zoom" de uma câmara filmadora, que ora foca a cena a ser revelada e ora desfoca, obtendo uma paisagem circunjacente, permitindo ao filmador vivenciar as duas experiências simultaneamente. (p.17)

O homem, que é corpo e que está no mundo, é o fenômeno que precisa ser percebido, sentido, compreendido em todos os seus aspectos. Olhando a paisagem circunjacente do corpo, podemos contextualizá-lo e no contraste com a paisagem reconhecê-lo em sua identidade.

Uma concepção sobre o homem, que ainda hoje é impregnada do dualismo corpo/alma e conseqüentemente da desvalorização do corpo, é aquela dada pela religião. E buscar compreender na Educação Física o homem que é corpo, inclui o homem em seu universo, com suas crenças, valores, conceitos e pré-conceitos.

Segundo Daolio (1995)

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através de seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOrações (a palavra é significativa). Mais do que aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. (p.25)

O corpo é carregado de bagagem cultural e de elementos específicos de sua sociedade. Se fazemos parte de um determinado grupo social, no qual o corpo é ignorado, oprimido e temido, adotaremos essa postura em relação ao nosso corpo.

Segundo afirma Porter (1992),

Por um lado, os componentes clássicos, e por outro, os judaicos-cristãos, de nossa herança cultural, avançaram ambos para uma visão fundamentalmente dualista do homem, entendida como uma aliança muitas vezes ansiosa da mente e do corpo, da psique e do soma; e ambas as tradições, em seus caminhos diferentes e por razões diferentes, elevaram a mente ou a alma e denegriram o corpo. (p. 292)

Apesar de ser uma discussão antiga e aparentemente superada, ainda hoje essa visão da superioridade da alma em detrimento do corpo, está impregnada em nossos conceitos, valores, discursos e práticas.

Quando olhamos para a história do homem, percebemos que o mesmo tentou solucionar as questões relacionadas à sua existência de maneira

dualista, esse pensamento se expandiu e fez parte da história de diversas filosofias, culturas e religiões.

A tradição cristã foi bastante influenciada no início de sua história por esse pensamento dualista. Apesar da mudança e quebra de muitos paradigmas ocorridos na história do cristianismo, a compreensão de que o ser humano é composto de duas substâncias distintas - a alma e o corpo, com primazia e superioridade da alma sobre o corpo, e o menosprezo sobre o corpóreo pelas coisas materiais e terrenas sempre esteve e ainda hoje se faz presente na filosofia cristã. Talvez isso se justifique pelo fato dessa discussão não ter ainda adentrado os templos das igrejas, ficando somente no meio acadêmico.

Muitos autores vem discutindo o corpo. Podemos citar aqui, Rousseau que resgata ao mesmo tempo, o homem como um ser corpóreo dotado de necessidades e paixões, e como um ser espiritual e histórico que possui razão e livre arbítrio, e também Kant que, assim como Rousseau, entende que a humanidade do homem reside no espírito e na liberdade moral.

Merleau-Ponty (1999) amplia a discussão em torno da questão corpo, buscando uma compreensão de unicidade de homem e superação da dicotomia corpo-espírito, e nessa perspectiva o corpo não se identifica como coisa, como um amontoado de órgãos e membros, mas é compreendido a partir da noção de ser-no-mundo, de transcendência.

O corpo aqui é o primeiro momento da experiência humana, pois é por meio de sua corporeidade e do seu se-movimentar, que o homem entra em contato consigo mesmo e com o conjunto da realidade, ou seja, de acordo com Merleau-Ponty, o homem é dotado de sentido, habitante e habitado de si mesmo.

Desde a infância ouvíamos falar nas pregações sobre um Deus de amor, que se importava com o ser humano, que confortava, fortalecia e se preocupava com a alma/espírito do homem. Mas que também era um Deus de juízo que se alegrava com os "frutos do espírito", porém condenava as "obras da carne/corpo", e que "pesava a mão" sobre aqueles que o desobedecessem.

Assim agiam as pessoas, crendo em um Deus salvador da alma, cuidando da mesma, e reprimindo qualquer tipo de vaidade, expressão ou manifestação corporal, tanto dentro dos templos das igrejas, quanto fora deles.

Quanto mais nos aprofundávamos nessa questão, percebíamos que esse discurso se tornava incoerente na medida em que na concepção cristã se crê que Deus, com o intuito de salvar "o ser humano" (em sua totalidade), se faz carne, ou seja, assume forma corporal, com todas as possibilidades de viver, tocar, sentir, ser corpo, ser homem.

Começamos então a questionar o porquê de tal contradição entre a doutrina da encarnação professada na teologia cristã, em que Deus - Jesus Cristo - nasceu, viveu, morreu e ressuscitou corporalmente, e a concepção presente nos membros das igrejas presbiterianas na qual este mesmo Deus não se importa com o corpo.

Conforme afirma Merleau-Ponty (1999) nós não temos um corpo, nós somos corpo. É por nos vermos enquanto corpo que somos, e não portadores de um corpo, e também por vivenciarmos em nossa história todas as questões colocadas acima, questionávamos então, que corpo nós cristãos somos?

Há um grande número de pessoas que freqüentam as aulas de Educação Física, que sustentadas pela religião – especificamente o cristianismo em sua vertente presbiteriana, que trataremos neste trabalho - tem

essa visão dualista do corpo. E esse número tem aumentado gradativamente, tanto nas aulas de Educação Física escolar, quanto nos cursos de graduação em Educação Física. As atitudes e expressões dessas pessoas em relação ao corpo se formam, em grande parte, a partir de suas crenças, valores e conceitos construídos ao longo de sua história. A imagem corporal descreve nossas ações.

Quando a Educação Física se compromete a trabalhar com o corpo enquanto unidade, busca também a compreensão do homem que é corpo, que está no mundo, e que precisa ser compreendido em todos os seus aspectos, em seu contexto, em sua história.

O professor de Educação Física pode buscar compreender o corpo nessa perspectiva, mas está também na condição de ser-no-mundo, construindo, portanto, uma visão de corpo baseada também em sua história; e conseqüentemente e inconscientemente, transmitirá implícito em sua práxis, pedaços dessa história.

Temos como objetivo verificar alguns aspectos da imagem corporal dos presbiterianos de Jataí-GO, sendo eles: professores de Educação Física presbiterianos, e membros das igrejas presbiterianas de Jataí.

Neste estudo, estaremos em um primeiro momento, apresentando o conceito de imagem corporal, baseado em autores como: Cash e Pruzinsky (1990); Damásio (2000); Schilder (1999); e outros que discutem a mesma.

Faremos uma caracterização do nosso campo de pesquisa, apresentando um breve histórico da Igreja Presbiteriana em Jataí.

Posteriormente, apresentaremos a metodologia adotada para a realização da pesquisa de campo. Após a exposição da metodologia apontaremos os dados da pesquisa de campo juntamente com a análise e

discussão dos mesmos, e por fim, apresentaremos as considerações finais e bibliografia utilizada neste trabalho.

2 IMAGEM CORPORAL

A Educação Física é uma área de conhecimento que trabalha diretamente com o ser humano. As aulas de Educação Física são compostas por diferentes alunos, com diferentes culturas, histórias, conceitos e valores, com os quais o profissional de Educação Física precisa lidar. Diante desse universo, é inegável a importância do conhecimento, e preocupação do professor, em resgatar e considerar o aspecto sócio-histórico do seu aluno como parte fundamental do seu trabalho.

É desafiante e fascinante mergulhar no universo do ser humano, que é um ser no mundo, que sente, vê, percebe e interage com o mundo e consigo mesmo, e através dessa interação vai construindo sua história.

Não fazemos essa discussão sobre corpo, somente a partir de leituras sobre imagem corporal, mas também, e principalmente, a partir de nossos próprios questionamentos sobre o nosso corpo, a imagem que temos do nosso corpo, a influência desta em nossa história e da nossa história na nossa imagem corporal.

Podemos lembrar o exato momento em que começamos a conhecer e entender imagem corporal. Há um tempo atrás paramos para ouvir o que o nosso corpo falava, foi uma experiência extremamente marcante e significativa. E a partir desta vivência passamos à teoria, buscando em alguns autores que abordam o assunto, significado para as palavras que o corpo dizia.

Para discutir a imagem corporal nos fundamentamos nas idéias de Schilder (1999), e de outros autores que também discutem imagem corporal

como: Cash e Pruzinsky (1990); Damásio (2000); Le Boulch (1988) e Merleau-Ponty (1999).

Quando Damásio (2000) fala sobre imagem, ele afirma que através dela podemos *ter uma emoção, sentir essa emoção e tomar conhecimento de que estamos sentindo essa emoção.* (p.24)

A imagem pode ser sonora, tátil ou imagem de um estado de bem-estar. Existem imagens sensoriais do que percebemos externamente, imagens relacionais, mas segundo Damásio, além dessas imagens, existe uma outra imagem que constitui um sentimento que o autor chama de "presença de você". Este é o sentimento do que acontece quando o nosso ser é modificado pelas ações de apreender alguma coisa.

Segundo Damasio (2000) *Essa presença nunca se afasta, no momento em que você desperta até o momento em que seu sono começa. Ela tem de estar presente, caso contrário você não existe.*(p.26) O que o autor coloca nessas palavras podemos relacionar ao que Schilder (1999) chama de imagem corporal.

Imagem corporal para Schilder (1999), *é a figuração de nosso corpo que é formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós.* (p.7) Damásio (2000) usa como sinônimo de imagem mental o termo "representação", que poderíamos, lendo o conceito de Schilder sobre imagem corporal, estabelecer uma relação, e dizer que, imagem corporal é a representação mental do nosso corpo próprio.

Conforme Schilder (1999) somos seres emocionais que experimentamos a percepção, sendo esta, nossa própria maneira de sentir as coisas, mas sentimos sempre a necessidade de responder a essa percepção

com uma ação. A percepção e a ação, ou a impressão e a expressão, formam uma unidade.

Nesta unidade que é o corpo, passamos por constantes vivências de sensações com o mundo e com o nosso próprio corpo. E é no corpo que essas sensações estão coordenadas e ganham significado final.

Essa unidade que é percebida é chamada por Schilder (1999) de esquema corporal. *...esquema do corpo é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos (p.7)*, que também é chamado de imagem corporal.

Para Fischer (1990), a imagem do corpo é uma experiência muito subjetiva e personalizada. Segundo os autores, nós temos muitas percepções, sentimentos e pensamentos sobre o nosso corpo. Na área da percepção construímos imagens sobre o tamanho e formas de vários aspectos do corpo. Na área emocional, estão nossas experiências de conforto e desconforto, satisfação ou insatisfação associados à nossa aparência e a outros aspectos de experiência corporal sendo, portanto, a percepção e sensação sobre o nosso corpo, intrínseca e fundamentalmente importante na nossa imagem corporal.

A imagem corporal para Schilder (1999), ultrapassa a idéia de sensação e percepção. Não obstante, a imagem corporal tenha chegado através, tanto da sensação quanto da percepção, existem figurações e representações envolvidas na formação da mesma, as quais podemos nos referir como sendo três estruturas específicas: um mundo - em parte animado, em parte inanimado - o nosso corpo, e a personalidade.

A partir dessas estruturas podemos dizer que a imagem corporal é construída e continuamente influenciada por três aspectos que não se separam nessa unidade que é o corpo, mas que estão em constante inter-relação, são eles: aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais.

A nossa imagem corporal segundo Schilder (1999) é baseada em impressões visuais, táteis e cinestésicas. Para construirmos nossa imagem corporal, temos que saber onde estão os diferentes membros do nosso corpo, o que é possível através da experiência visual e também pela atividade contínua de tocar e mover os músculos localizando o corpo. É necessário ressaltar, porém, que a experiência visual, não é fundamental para a construção da imagem corporal; do contrário, poderíamos afirmar que as pessoas com deficiência visual congênita não têm imagem corporal. Isto reforça a idéia de que a imagem corporal é subjetiva, não se reduz a uma imagem visual, é uma vivência, uma história.

Se a imagem corporal é baseada em impressões táteis e visuais, o modelo postural do corpo pode ser perturbado por lesões corticais que prejudiquem essas sensações, provocando assim uma alteração da imagem corporal.

Existe um fator visual importante no modelo postural do corpo segundo Schilder (1999). Porém, sempre que as impressões visuais se tornam insuficientes para a orientação em relação ao próprio corpo, as impressões cinestésicas são utilizadas. As experiências cinestésicas podem tomar o lugar dos fatores visuais.

Schilder (1999) afirma que *mesmo a localização tátil de um toque não é um dado imediato de nossa consciência; é necessário consegui-lo, ganhá-lo através da experiência, num esforço ativo*. Percebemos que existe uma série de outras experiências, vivências e sensações que se relacionam e são processadas, e que influenciam diretamente a estrutura do modelo postural. Portanto uma lesão orgânica pode abalar essa estrutura primitiva da

qual depende toda a constituição do corpo, tornando difícil ou inútil esse esforço.

Schilder (1999), fundamentando-se nas idéias de Head, afirma que a estrutura do modelo postural do nosso corpo é modificada constantemente. Toda mudança que entra na consciência é comparada com situações já vivenciadas e, realizando uma avaliação da nova situação, gera uma mudança no modelo postural. O modelo postural do corpo não é hermeticamente definido; portanto, modifica-se com cada objeto que toca, e tem relação com o modelo postural das outras pessoas com as quais se relaciona.

Schilder (1999) coloca que a percepção do modelo postural não leva à uma entidade rígida e bem definida, pois não há nada estático em relação à percepção. A imagem corporal não é estática, mas está em constante construção, destruição e reconstrução.

Portanto, podemos afirmar que estamos continuamente em processo de transformação da nossa imagem corporal, que se relaciona com a imagem corporal dos outros, com as atitudes emocionais para com o nosso corpo e também com funcionamento orgânico do mesmo. Damásio (2000) afirma que existe um movimento constante de imagens que, mesmo não sendo utilizadas de pronto, tendem a se tornar resíduos, que em algum momento vão compor novas imagens.

Fischer (1990) também afirma que nossa imagem corporal está constantemente mudando. O nosso foco de atenção passa de uma parte do corpo para outra. Quando estamos de “bom humor” vemos o nosso corpo, peso e forma de uma maneira mais positiva, o que acontece ao contrário quando estamos de “mau humor”. Nossa imagem corporal também é afetada pelos adornos e enfeites que usamos como: jóias, cosméticos, roupas e

perfumes. A imagem muda com a idade, com o envelhecimento, com as mudanças nos padrões de beleza, rendimento físico e aparência.

Para o autor citado acima, existem diferentes trajetórias nas mudanças da imagem corporal, sendo elas abruptas ou graduais. As mudanças graduais que fazemos em nós, quando cortamos o cabelo ou colocamos uma maquiagem, nos causa um vago senso de falta de identidade por causa da disparidade percebida nesse "novo eu". Porém, por serem mudanças graduais em nosso corpo são mais fáceis para se acomodar psicologicamente.

As mudanças abruptas, como no caso de cirurgias plásticas, diferentemente das mudanças graduais, o impacto emocional existe sendo, portanto, mais difícil para o indivíduo absorver.

Ainda se referindo ao modelo postural do corpo, Schilder (1999) afirma que o mesmo tem sempre uma relação com os aspectos orgânico e psicogênico, e estes, só podem ser compreendidos a partir do conceito de modelo postural do corpo; pois, tanto a doença orgânica quanto a alteração psicogênica, provocam sofrimento, o qual se manifestará ou refletirá no modelo postural do corpo. A doença orgânica leva ao sofrimento mental, e o sofrimento mental encontra uma expressão somática.

Podemos entender mais claramente a inter-relação existente entre os fatores fisiológicos e psicológicos quando, por exemplo, um indivíduo negligencia partes problemáticas do seu corpo no intuito de esquecer o defeito, ou quando um amputado vê e sente um membro fantasma.

Segundo Merleau-Ponty (1999)

O que nos permite tornar a ligar o "fisiológico" e o "psíquico" um ao outro é o fato de que, reintegrados à existência, eles não se distinguem mais como a ordem do em si e a ordem do para si, e de que são ambos orientados para um pólo intencional ou para o mundo (p.129).

Poderíamos então fazer uma relação das palavras de Merleau-Ponty com as estruturas da imagem corporal, onde o corpo é o pólo intencional no qual tanto o fisiológico quanto o psíquico são reintegrados à existência, e daí para o mundo.

Segundo Schilder (1999), a construção do modelo postural do corpo se dá também através de contato contínuo com o mundo externo, da mesma forma que a estrutura libidinal da nossa imagem corporal é construída, não apenas através do interesse que temos pelo nosso corpo, mas também pelo interesse que os outros demonstram por ele.

Assim, elaboramos nossa imagem corporal de acordo com nossas experiências, manifestadas e adquirida em forma de palavras, ações ou atitudes dos outros dirigidas ao nosso corpo. É também importante o que os outros fazem com os seus corpos.

Referindo-se às atitudes em relação ao nosso corpo, Fischer (1990), afirma que as alterações na imagem corporal podem ocorrer sob várias dimensões como, alterações físicas, mudanças na experiência corporal, mudanças nas reações emocionais do corpo, mudança nos aspectos cognitivos e comportamentais da imagem do corpo, ou uma combinação desses fatores.

As atitudes corporais estão presentes em todo o aspecto de comportamento. Se tivermos problema com alguma parte do nosso corpo, estaremos sempre com a sensação de que as outras pessoas estão olhando

para essa parte do corpo. Estaremos sempre atribuindo a esse "defeito" as atitudes e comportamentos das pessoas em relação a nós. Portanto, para Fischer (1990), a nossa imagem corporal pode alterar nosso processo de informação, e fazer com que vejamos somente o que esperamos ver.

Para o autor, como nós percebemos e experimentamos o nosso corpo está significativamente relacionado a como percebemos nós mesmos, e nosso principal fundamento sobre nós mesmos é o corpo.

Na estrutura psicológica da imagem corporal, a discussão de Schilder, gira em torno dos aspectos libidinais. Conforme o autor, o valor e a clareza das diversas partes da imagem corporal, influenciada pelas emoções, muda de acordo com as tendências libidinais. E essa mudança, segundo Schilder, pode ser tanto da superfície do corpo, quanto da parte interna do mesmo, ou seja:

Pode haver uma mudança da aparência subjetiva da pele, uma perda de sensação relativa a qualquer parte do corpo, um esquecimento de um membro ou de um lado do corpo. Pode haver mudanças na percepção da gravidade do corpo. A substância pesada do corpo pode se afrouxar, pode se tornar espumosa ou mesmo permeada de buracos, ou pode ocorrer uma consolidação das partes internas do corpo. (SHILDER 1999, p. 330)

De acordo com a afirmação acima, podemos perceber então que, a estrutura libidinal se expressa dando ênfase a diversas partes do corpo e na aparência resultante de sua forma, fazendo transposição de uma região do corpo para outra, onde uma parte do corpo pode simbolizar outra.

Segundo Schilder (1999), a identificação e a personalização têm um papel importante na construção da imagem corporal. Podemos tomar partes dos corpos dos outros e incorporá-las à nossa imagem corporal, num processo de personalização. Ou podemos identificar-nos com outras pessoas, a ponto de entrarmos completamente no papel das mesmas, o que pode nos levar a uma atenção e atitude particular em relação a partes de nosso corpo.

Além da identificação e personalização existe um outro fator que desempenha um importante papel na construção da imagem corporal, que é a projeção. A imagem corporal de outro pode ser tomada em sua totalidade na identificação com ele, mas podemos também jogar para fora partes ou a totalidade de nossa imagem corporal, o que significa que ela foi projetada.

A mudança das atitudes libidinais modifica o modelo postural do corpo, pois o mesmo está intimamente ligado à estrutura psíquica. E essa mudança das atitudes libidinais está ligada às experiências de vida do indivíduo, que seriam as relações sociais. Segundo Schilder (1999) *As atitudes em relação às situações vitais, a história de vida em seus aspectos subjetivos, levarão a uma ênfase diferente no modelo postural do corpo ou a uma percepção diferente do corpo, em conexão com sensações diferentes no mesmo. (p.332)*

Para Fischer (1990) o desenvolvimento da imagem corporal se dá desde a primeira interação com nossos “cuidadores”. Os anos iniciais de vida com os nossos pais, o contato corporal e o cuidado dos mesmos para com nossas necessidades são de fundamental importância para nossas experiências posteriores com o nosso corpo.

A imagem corporal está inter-relacionada com a imagem corporal dos outros, pois se propaga no espaço. Ela é um fenômeno social, como já

colocamos anteriormente, e a vida social está baseada nas inter-relações dos modelos posturais.

Conforme afirma Schilder (1999), o nosso relacionamento com a imagem corporal dos outros é determinada pelo fator de proximidade e distância emocionais. As imagens corporais são mais próximas umas das outras nas zonas erógenas e estão intimamente ligadas através destas zonas; assim, a transferência dessas zonas erógenas se refletirá no relacionamento social com as outras imagens corporais. As mudanças eróticas na imagem corporal também são fenômenos sociais que são acompanhadas por fenômenos correspondentes nas imagens corporais dos outros.

Estamos em uma constante troca de partes da nossa imagem corporal e partes das imagens corporais dos outros. A imagem corporal do outro pode ser integrada à nossa imagem corporal formando uma unidade, ou pode simplesmente formar uma soma, quando acrescentada à nossa imagem corporal.

Segundo Schilder (1999) outro fenômeno social de enorme importância social é a beleza, pois existe uma imagem social do corpo. O belo provoca os impulsos sexuais sem satisfazê-los mas permite, ao mesmo tempo, que todos desfrutem dele.

A nossa imagem corporal não é possível sem a dos outros. E a imagem corporal não é uma entidade isolada. *Um corpo é sempre a expressão de um ego e de uma personalidade, e está num mundo. Mesmo uma resposta preliminar ao problema do corpo não pode ser dada, a menos que tentemos uma resposta preliminar sobre a personalidade e o mundo. (SHILDER 1999, p. 337)* Não podemos buscar compreender o corpo separando-o do mundo.

Quando concordamos e reafirmamos que a imagem corporal não é uma entidade isolada, mas um fenômeno social, é por acreditar que o homem é um ser-no-mundo, que só se explica a partir de sua existência. O homem sendo um ser-no-mundo interage com o mundo e com os outros, e a partir dessa relação constrói, modifica e transforma sua imagem corporal.

Um dos autores que também abordou o tema imagem corporal, e estabeleceu uma relação mais estreita entre a mesma e a Educação Física, foi Le Boulch (1988). O autor acredita que o objeto principal da educação psicomotora, seja ajudar a criança a chegar a uma imagem do corpo operatório.

Para o autor, essa imagem do corpo operatório diz respeito não somente ao conteúdo, mas também à estrutura da relação entre as partes e a totalidade do corpo, e uma unidade organizada que é instrumento da relação da criança com a realidade.

Le Boulch (1988), ao abordar algumas questões da imagem corporal no contexto da Educação Física, oferece uma contribuição extremamente valiosa para a mesma, pois acreditamos que seja esse o papel principal da Educação Física: levar o indivíduo a esse conhecimento do próprio corpo, que é o instrumento de sua relação consigo mesmo e com o mundo.

Apesar de ser bastante importante a discussão de Le Boulch (1988) sobre imagem corporal, devemos refletir um pouco mais sobre a colocação do autor, quando ao mesmo tempo em que considera a imagem corporal um processo de construção contínua, que não é uma estrutura rígida, fixa ou organizada, faz uma divisão do desenvolvimento da mesma em fases ou estágios específicos.

Embora seja didática, essa divisão deve ser compreendida sob a perspectiva do autor, que enfatiza em sua obra, o aspecto vivencial e, desta forma, definitivamente singular e imprevisível da experiência do homem com seu corpo.

A partir do momento em que a Educação Física olhar para o corpo, e vê-lo como um corpo existencial, um corpo fenomenológico, então as portas estarão abertas para que, tanto a discussão quanto o trabalho com a imagem corporal, sejam feitos nas aulas de Educação Física.

... eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como ~~um~~ simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência, não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido. (...) A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. Eu não sou um "ser vivo" ou mesmo um "homem" ou mesmo "uma consciência" (...) eu sou a fonte absoluta, minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim. (MERLEAU-PONTY, 1999 p. 3)

Acreditamos como Merleau-Ponty, que não podemos compreender o homem, reduzindo-o a um simples objeto da biologia, psicologia ou

sociologia, mas podemos buscar essa compreensão a partir de suas atitudes e ações, de sua existência.

3 A IGREJA PRESBITERIANA EM JATAÍ-GO.

Os presbiterianos surgiram no Brasil em 1859 com a chegada do missionário norte-americano Rev. Ashbel Green Simonton ao Rio de Janeiro. Segundo o histórico oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil¹, o primeiro culto presbiteriano celebrado em português no Brasil aconteceu em abril de 1860, e em janeiro de 1862 recebeu os primeiros conversos, sendo fundada a primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. O período do missionário americano no Brasil foi breve, haja vista que, vitimado pela febre amarela, morreu aos 34 anos, em 1867.

Segundo Mendonça (1990), a Igreja Presbiteriana do Brasil:

Foi a denominação que mais se expandiu no século XIX, principalmente na província de São Paulo, na qual, seguindo a trilha de expansão de café, foi favorecida pela pregação de José Manuel da Conceição, ex-padre convertido ao presbiterianismo e primeiro pastor protestante brasileiro. (p. 35)

Os presbiterianos brasileiros resultam de duas missões norte-americanas: a Junta de Nova York, que enviou Ashbel G. Simonton, e o Comitê de Nashville, que, a partir de 1870, passou a enviar muitos missionários. Os presbiterianos, apesar da febre amarela que vitimava seguidamente missionários e missionárias, atuaram em duas frentes: a da

¹ <http://www.ipb.org.br/ipb/Historia.htm>

evangelização conversionista, que resultou em inúmeras congregações espalhadas pela zona rural da Província de São Paulo e do Sul de Minas, e a da educação, fundando em 1870 a Escola Americana, em São Paulo (hoje Universidade Mackenzie), e diversos colégios em distintas províncias.

Os presbiterianos brasileiros são fiéis a João Calvino quanto ao governo eclesiástico. Organizam-se a partir da relativa autonomia da congregação local, num sistema federativo e piramidal de concílios. Cada congregação local tem um conselho de presbíteros leigos eleitos por ela; um grupo de congregações locais forma um presbitério; um grupo de presbitérios forma um sínodo, e todos os presbitérios formam o supremo concílio ou assembléia geral.

Devido aos sucessivos cismas, os presbiterianos brasileiros constituem atualmente seis grupos diversos entre si com sensíveis diferenças de tendência. O seguinte esquema pretende indicar essas diferenças:

Segundo Mendonça (1930), os presbiterianos se dividem atualmente em:

- Igreja Presbiteriana do Brasil — IPB (muito conservadora)
- Igreja Presbiteriana Independente do Brasil — IPI (moderadamente conservadora)
- Igreja Presbiteriana Unida do Brasil — IPU (aberta e ecumênica)
- Igreja Presbiteriana Conservadora — IPC (conservadora radical)
- Igreja Presbiteriana Fundamentalista — IPF (conservadora radical)
- Igreja Presbiteriana Renovada — IPR (pentecostal) (p.36)

Mendonça (1930) aponta que com exceção da Igreja Presbiteriana Unida que adota a pluralidade de confissões de fé da Reforma, *as demais não abriram mão da confissão e dos catecismos de Westminster, produzidos pela Assembléia de Westminster, reunida em Londres, de 1643 a 1649, e legados pelas missões norte-americanas.* (p.36)

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), foi a que mais cresceu no século XIX. Organizou-se em 1888 o sínodo brasileiro com quatro presbitérios, sessenta comunidades e quase três mil membros. Nos setenta anos seguintes sofreu diversas cisões, a primeira em 1903 e a última na década de 1970, mas mesmo assim é a maior Igreja do ramo reformado no Brasil.

A distribuição da Igreja Presbiteriana do Brasil, especificamente, pelo território nacional é razoavelmente equilibrada, preponderando nas áreas mais tradicionais dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Devido à sua contínua prática missionária, está presente em todos os Estados e territórios.

Quanto ao culto e os membros da Igreja Presbiteriana do Brasil,

A liturgia é livre e discursiva; a pregação é predominantemente moralista, pois a salvação situa-se no plano da ética negativa. A inserção presbiteriana no Brasil deu-se na camada livre e pobre da população rural. Atualmente, entretanto, seus membros situam-se predominantemente na camada média da população. Os que pertencem aos setores pobres de periferia revelam mentalidade de ascensão social por causa da tradição protestante da ética ascética como instrumento de

progresso econômico pessoal. MENDONÇA (1990, p.37)

3.1 A inserção da Igreja Presbiteriana na cidade de Jataí

A inserção dos presbiterianos na cidade de Jataí é fruto das missões americanas, especificamente da missão da Junta de Nova York.

A estratégia da missão era o estabelecimento de projetos sociais e educacionais com o propósito de atrair a simpatia da população. É neste sentido que a Missão organiza na cidade um imenso projeto educacional, obviamente com recursos da Igreja Presbiteriana Americana, fundando uma escola particular, porém com fins filantrópicos.

A Missão americana da Junta de Nova York começa os seus primeiros passos na cidade de Jataí por volta 1938, organizando a Escola em 1940. A primeira Igreja, contudo, só fora organizada em 1955.

No culto presbiteriano a ênfase é na Pregação, momento no qual segundo a doutrina calvinista, o ministro – reverendo/pastor - é a própria voz de Deus. Todo o culto neste sentido, gira em torno da mensagem do pastor a qual é esperada como portadora das respostas e direção para as perguntas e vida dos fiéis².

Segundo Mendonça (1990),

² Emile-G. Leornard, historiador francês e pesquisador do protestantismo brasileiro, escreveu: “os protestantes brasileiros vão à Igreja para ‘aprender’. Apud MENDONÇA, A. G. (1990)”.

(...) a teologia missionária trazia o forte traço maniqueísta de luta cósmica entre o bem e o mal, em que o crente tinha de participar através de um esforço (trabalho) ao mesmo tempo proselitista, para aumentar as hostes do bem, e moral, para testemunhar e colaborar para a melhora de algumas coisas, mas principalmente testemunhar³.(p. 187)

A ênfase calvinista na total depravação do ser humano, e a profunda influência da teologia puritana trazida pelos missionários americanos, faz com que a pregação tenha um tom geralmente moralista, apontando os pecados e a necessidade de uma santidade pessoal.

As igrejas presbiterianas em Jataí, assim como as igrejas presbiterianas do Brasil de forma geral se destacam pelo tom conservador e moralista em suas pregações, tendo um culto geralmente solene e forma.

MENDONÇA³, A. G. & FILHO, P. V. A palavra “testemunhar” representa a idéia de um comportamento exemplar, fruto de uma “moral impecável”.

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa foi do tipo qualitativa, com pesquisa de campo. Utilizamos como procedimentos para a coleta de dados a aplicação do questionário e do teste: A Minha Imagem Corporal, o original de David Rodrigues (1999) in Lovo (2001).

4.1 Procedimentos metodológicos

Iniciamos esta pesquisa fazendo primeiramente um estudo bibliográfico sobre conceitos de Imagem Corporal.

A pesquisa de campo constou de: aplicação do questionário aos professores de educação física e do teste “A minha Imagem Corporal” que primeiramente foi validado em cristãos presbiterianos de Jataí-GO.

4.2 Campo da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em quatro Igrejas Presbiterianas do município de Jataí-GO, nas quais somam um total de aproximadamente 1.000 membros professos.

A realização desta pesquisa se deu nas Igrejas Presbiterianas da cidade de Jataí-GO pelos seguintes motivos:

1. Por ter sido o local de origem dos nossos questionamentos;
2. Porque uma considerável porcentagem da população deste município é evangélica.
3. A escolha da Igreja Presbiteriana é devido ao fato, de que um grande número de egressos do curso de Educação Física de Jataí - GO, é Presbiteriano.

4.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são todos os professores de Educação Física Presbiterianos de Jataí (um total de 21), e 100 membros das quatro Igrejas Presbiterianas de Jataí, que foram definidos mediante a amostragem.

4.3.1 Amostragem

Para a realização da pesquisa com os membros das igrejas Presbiterianas de Jataí selecionamos uma amostragem casual estratificada.

Conforme Rudio (1995) *Amostra é uma parte da população, selecionada de acordo com uma regra ou plano. (p.50), onde (...) a*

população é inicialmente dividida em dois ou mais estratos, podendo estar baseados num só critério. (p.52)

O critério escolhido para a seleção da amostragem foi a divisão utilizada pelas igrejas presbiterianas, a saber, as sociedades internas, por considerarmos a divisão das mesmas um fator importante e influenciador na imagem corporal dos sujeitos.

Trabalhamos então com uma amostragem dividida em cinco estratos compostos por:

1. 20 crianças evangélicas Presbiterianas, membros da UCP (União de Crianças Presbiterianas)
2. 20 adolescentes evangélicos Presbiterianos, membros da UPA (União Presbiteriana de Adolescentes)
3. 20 jovens evangélicos Presbiterianos, membros da UMP (União de Mocidade Presbiteriana)
4. 20 mulheres evangélicas Presbiterianas, membros da SAF (Sociedade Auxiliadora Feminina)
5. 20 homens evangélicos Presbiterianos, membros da UPH (União Presbiteriana de Homens)

4.4 Instrumento metodológico

O instrumento utilizado para realizar a coleta de dados foi o teste desenvolvido pelo professor David Rodrigues (em anexo). Segundo Lovo (2001), é um teste confiável e válido.

O teste avalia questões referentes a 6 itens, focalizando a forma como a pessoa vê e sente o seu corpo no momento da aplicação do teste. Os itens do teste dizem respeito à:

1. Condição Física
2. Habilidade Corporal
3. Saúde
4. Aparência
5. Partes do corpo que gosta mais e menos
6. Coisas que modificaria para se sentir melhor com a aparência corporal

Submetemos este teste a julgamento, aplicando o mesmo, em cinco sujeitos evangélicos Presbiterianos de Jataí, os quais não apresentaram nenhuma dificuldade em responder. Além desses seis itens, elaboramos três questões direcionadas aos professores de Educação Física que dizem respeito à relação entre o Professor de Educação Física Presbiteriano, Deus, e seu corpo. As questões são as seguintes:

- O que você acha que é mais importante para Deus, o seu corpo ou sua alma/espírito? Porque?
- O que você acha que seu corpo significa para Deus?
- E para você, o que seu corpo significa?

4.5 Procedimentos para coleta de dados

Os dados foram coletados por meio da aplicação dos instrumentos propostos, a saber, o questionário e o Teste: A Minha Imagem Corporal de

David Rodrigues (1999). Estes, foram aplicados durante o mês de Julho, tanto aos professores de Educação Física que são presbiterianos, quanto aos membros das Igrejas Presbiterianas de Jataí.

Para a aplicação do questionário foi feito:

- Um levantamento de todos os professores de educação física do município de Jataí-GO que são presbiterianos;
- Um contato inicial com esses professores, explicando o motivo e objetivo da pesquisa e, solicitando o consentimento verbal de cada sujeito para a realização da mesma;

Para a aplicação do teste foi feito:

- Uma comunicação verbal para o pastor de cada igreja Presbiteriana de Jataí, solicitando o consentimento dos mesmos para a realização da pesquisa;
- Um levantamento dos nomes dos membros das igrejas;
- Divisão desses nomes em estratos por idade, de acordo com a amostragem proposta;
- Sorteio dos 20 nomes dos sujeitos de cada estrato da amostragem;
- Contato inicial com os sujeitos, explicando o motivo e objetiva da pesquisa e, solicitando dos mesmos o consentimento verbal para a realização da pesquisa;
- Explicação, orientação e aplicação do teste, enfatizando o item como você sente o seu corpo “presentemente”;
- Anotações das observações, explicações, e outros aspectos relevantes para a pesquisa.

5 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Aplicamos os testes de imagem corporal em 100 membros das Igrejas presbiterianas de Jataí-GO, nos quais 20 eram crianças, 20 adolescentes, 20 jovens, 20 mulheres e 20 homens.

Na questão 1 do teste, referente à condição física, as crianças, os adolescentes e as mulheres responderam sentir algumas capacidades da condição física como aspecto mais fraco que os jovens e os homens.

Constatamos que tanto na UCP (união de crianças presbiterianas) quanto na UPA (união presbiteriana de adolescentes), as meninas mais do que os meninos sentem a força física, flexibilidade, resistência e agilidade, como aspectos fracos.

Analisando as respostas dadas à questão 2 do teste, referente a habilidade corporal, observamos que no item “tenho habilidade para dançar” tanto os adolescentes, quanto as mulheres e os homens, a grande maioria dos sujeitos afirmou sentir esta habilidade como aspecto fraco; já as crianças e os jovens, ou concordaram ou sentiram esta como aspecto forte. Vale ressaltar que não houve diferença nas sensações dos sujeitos masculinos e femininos.

Em relação às respostas dadas a questão 3, referente a saúde, os resultados foram semelhantes, tanto as crianças, quanto os adolescentes e os jovens apresentaram respostas bastante positivas em relação às sensações concernentes a saúde.

A maioria dos homens e das mulheres responderem afirmativamente às questões “sinto-me assustado com a possibilidade de adoecer” e “sinto-me assustado com a possibilidade de ter uma incapacidade”.

A questão 4, que diz respeito à aparência, no item “sinto-me atrativo para pessoas de outro sexo”, a grande maioria dos sujeitos que sentia este como um aspecto fraco é do sexo feminino. Tanto as crianças, quanto adolescentes, jovens do sexo feminino e mulheres responderam, diferentemente dos homens, não se sentirem atrativas.

Nas questões 5 e 6, referentes “ao que mais e menos gostam nos seus corpos”, e “o que o modificariam para se sentirem melhor com a aparência corporal”, as crianças demonstraram maior satisfação com a aparência corporal.

Podemos confirmar essa satisfação com o corpo por parte das crianças no item “sinto-me bem no meu corpo” da questão 4, na qual 90% das crianças concordaram ou sentiram este como aspecto forte; sendo reafirmado na questão 6 quando as mesmas responderam que não modificariam nada em seus corpos.

O pequeno número de crianças que apenas concordaram ou que sentiram a questão citada acima como aspecto fraco eram do sexo feminino.

Os adolescentes afirmaram gostar mais dos olhos, ombros, coxas e boca, e menos dos braços, dentes, pés, abdômen, unhas, pernas e volume corporal. Gostariam de modificar o cabelo e diminuir o volume corporal. Demonstraram mais insatisfação com o corpo e com a aparência do que as crianças.

Os jovens, nas questões 5 e 6, afirmaram gostar mais dos olhos, orelha, boca, rosto, e menos do abdômen, coxas e volume corporal. E modificariam os seios, a barriga e o volume corporal. Demonstraram-se, assim como os adolescentes, insatisfeitos com a aparência corporal, o qual podemos

verificar na questão 5, no item “sinto-me bem no meu corpo”, em que apenas 2 dentre 20 sujeitos, sentiram este como aspecto forte.

As mulheres afirmaram gostar mais dos olhos, orelha, boca e lábios, e menos dos dentes, abdômen e nádegas. Modificariam as nádegas e o quadril para se sentirem melhor com a aparência corporal, o que sugere, portanto, uma insatisfação das mesmas em relação aos seus corpos.

Os homens responderam gostar mais dos braços, mãos e costas e menos do abdômen e volume corporal. Não modificariam nada para se sentirem melhor com a aparência corporal. Assim como as crianças demonstraram-se satisfeitos com os seus corpos e com sua aparência corporal.

As respostas dos homens e das crianças são bastante semelhantes neste aspecto, o qual podemos também verificar no item “sinto-me bem no meu corpo” da questão 4, no qual 90% dos homens concordaram ou sentiram este como aspecto forte em seus corpos.

Apresentaremos a seguir as respostas dos professores de Educação Física de Jataí-GO, às três questões propostas sobre: a relação do professor de Educação Física presbiteriano seu corpo e Deus, agrupadas em categorias.

QUESTÃO 1

1. O que você acha que é mais importante para Deus, o seu corpo ou sua alma/espírito? Por quê?

CATEGORIAS:

1 – ALMA / ESPÍRITO

2 – AMBOS

“ALMA / ESPÍRITO” POR QUÊ?

“... porque Deus não está preocupado com minha vaidade e sim com a alma.”

“... teremos corpos celestiais no céu.”

“... Deus veio para salvar a alma ... o corpo físico não é tão importante.”

“... Deus quer nossa alma, uma alma forte e dedicada a sua obra.”

“... quando morremos o corpo não é nada.”

“... Deus olha para o meu interior e não para o exterior.”

“... a aparência não importa.”

“... Deus fez o corpo do pó e ao pó tornará.”

“... o espírito é eterno assim como Deus.”

“... a alma é a essência do ser humano.”

“... o espírito volta à Deus.”

“... é através do espírito que Jesus realmente conhece a nossa vida...”

“... o corpo é perecível mas a alma é eterna.”

“AMBOS ” POR QUÊ?

“... porque o corpo é o templo do Espírito Santo.”

“... um complementa o outro.”

“... não creio que Deus nos olhe separadamente...”

“... o nosso Espírito se enche tanto da glória de Deus, que o nosso corpo reflete essa luz ...”

“... apesar de que no futuro receberei um corpo incorruptível, não precisaria deste se Deus não achasse que fosse importante.”

“... o condicionamento físico corporal, está relacionado a uma aceitação do estado que Deus nos permitiu ter.”

“... o amor próprio está muito relacionado ao amor de Deus, e este amor a Deus está diretamente ligado a alma e espírito.”

“... de acordo com a própria palavra de Deus, os dois são importante para Ele, santuário dEle, para Seu louvor.”

“... não podemos separá-los, corpo é o templo do Espírito.”

“... o corpo necessita estar bem para poder exaltarmos e adorarmos a Deus como lhe é devido.”

“... corpo e espírito precisam estar em comunhão para que Deus manifeste a sua vontade em nossas vidas.”

“... se o nosso corpo não estiver, isto é, saudável, disposto, se torna praticamente impossível louvarmos e adorarmos a Deus.”

“... nossa alma e espírito precisa estar em comunhão com a nossa matéria (corpo) para que se possa compreender o que Deus deseja de / para nós.”

“... talvez seja o corpo o principal agente no processo de salvação, uma vez que é através dele que expressaremos a vontade do Pai.”

“... o corpo e a alma fazem parte de uma totalidade.”

“... acredito que para Deus cada qual possui grande valor, porém tais valores devem ser constantemente repensados, de maneira que exista uma busca harmônica entre corpo e alma.”

“... Deus espera que possamos conduzi-lo em um sentido mais subjetivo, cujo objetivos devem ser direcionados para os anseios da alma e não para os interesses da carne.”

QUESTÃO 2

2. O que você acha que o seu corpo significa para Deus ?

CATEGORIAS :

1- TEM GRANDE IMPORTÂNCIA PARA DEUS

2- TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO

3- INSTRUMENTO

1 - TEM GRANDE IMPORTÂNCIA PARA DEUS

“... é muito especial para Deus, já que somos feitos a Sua imagem e semelhança.”

“... algo importante o suficiente para receber cuidados especiais.”

“... meu corpo, sou eu mesmo.”

“... é um bem precioso, tem que ser cuidadosamente zelado.”

“... sou feito segundo a Sua imagem e semelhança.”

“... Deus conhece o meu corpo ainda informe e cuidou dele com muito amor e o fez com esmero, cada peça em seu devido lugar, nada deixou faltar.”

“... creio que preciso cuidar melhor do meu corpo, deixando de fazer certas coisas que não agradam a Deus.”

“... Deus se preocupa bastante com o nosso corpo à começar do ventre de nossas mães, quando parte a parte foi sendo “construído” “moldado” para que pudéssemos numa totalidade tornarmos capazes de desempenhar todas as nossas funções. Tudo foi pensado e elaborado por Ele.”

“... entendo que para Deus corpo e alma correspondem a uma totalidade, e se pensando dessa maneira o corpo passa a ter grande importância.”

2 - TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO

“... devemos estar bem, isto é, incluindo saúde e hábitos alimentares e higiênicos. A higiene inclui também uma “lavagem” espiritual, um corpo sem sujeira e impureza.”

“... o corpo não é mais importante que o espírito, mas Deus diz para guardarmos os nossos corpos de toda a impureza.”

“... é preciso que nosso corpo esteja em “forma” para que o Espírito possa agir e nos ensinar como agir.”

“... se eu sou filha do Senhor, o meu corpo é o templo do Espírito Santo.”

“... para Deus o meu corpo é o templo do Espírito Santo.”

“... nosso corpo é templo do Espírito Santo, por isso, devemos cuidar da nossa alma, fazer as coisas que agradam a Deus.”

“... feito para adorá-lo / à Deus.”

“... onde Deus habita.”

3 - INSTRUMENTO / OBJETO / VEÍCULO

“... veículo do amor e exemplo de vida para os demais.”

“... instrumento para trabalhar em Sua obra.”

“... projeto de Deus, veículo pelo qual eu terei para trabalhar, expressar.”

“... quando digo que o corpo é um simples instrumento, digo que não é a sua aparência que vai te levar a Deus ou a eternidade, mas o corpo tem que ser cuidado de acordo com a suas condições.”

“... meu corpo é o Seu santuário, objeto e canal de Sua manifestação.”

QUESTÃO 3

3. E para você, o que seu corpo significa?

CATEGORIAS :

1 – INSTRUMENTO (VÊM O CORPO POR SUA UTILIDADE)

2 – CORPO COM UM FIM EM SI MESMO OU OFERTA A DEUS.

3 – MEIO DE INTERAÇÃO COM O MUNDO – EXISTÊNCIA.

1 – INSTRUMENTO (UTILIDADE)

“... com ele posso expressar e realizar o que necessito.”

“... com ele posso trabalhar e louvar a Deus a todo o momento.”

“... é uma fórmula humana, a mesma que perpetua a minha espécie.”

“... busco usar meu corpo para o louvor do próprio Deus.”

“... instrumento de trabalho, tanto para minha profissão, quanto para Deus.”

“... obra de Deus para ser usado como instrumento em suas mãos.”

“... ferramenta de trabalho e sobrevivência (...) elo de ligação entre a vida material e a espiritual.”

“... instrumento de comunicação (...) algo que Deus me concedeu e que tenho que cuidar de forma que o espírito não venha a ser prejudicado.”

2 – VEEM O CORPO COM UM FIM EM SI MESMO OU OFERTA A DEUS.

“... meu corpo significa meio de manifestação.”

“... posso me expressar e ser entendido, ou seja, não é próprio corpo que fala, mas tudo isso atendendo princípios religiosos.”

“... olho para o meu corpo tentando ver uma habitação de Deus, mas seria hipocrisia dizer só isso, meu corpo é meu objeto de expressão e interação”

“... vida dinâmica”

“... eu cuido muito do meu corpo, trabalho na área esportiva e necessito de uma preparação adequada.”

“... o meu corpo para mim, significa minha aparência, o que sinto no momento, se estou feliz, saudável, meu corpo aparenta bonito, alegre, me sinto no peso ideal, linda! .”

“... não sou preocupado com o corpo, me cuido, mas sem ter que me sentir forte ou atraído por causa do meu corpo, e sim pelo que sou.”

“... o meu corpo é muito importante, e ele deve ser bem cuidado e saudável.”

“... eu gosto muito dele, apesar de um ou outro detalhe que desagrade, sou feliz comigo. Creio que com isso consigo manter paz comigo, mesmo gostando do que tenho e oferecendo este “pouco” para Deus, me sinto bem quando meu corpo está bem, estando ele num estado “obeso” ou não.”

3- MEIO DE INTERAÇÃO COM O MUNDO/EXISTÊNCIA

“... o meu corpo é o meio pelo qual me relaciono com o mundo, é através dele que compreendo o que está a minha volta e consigo ser reconhecida pelos outros.”

“... a existência do meu viver, quando ele não conseguir se manifestar, certamente a vida para mim já não mais existirá.”

“... é muito importante para mim, pois é de certa forma a minha identidade e também é o meu contato com o mundo.”

“... meu corpo sou eu mesmo.”

6 DISCUSSÃO

Esta discussão se deu a partir da análise dos testes aplicados aos membros das Igrejas Presbiterianas de Jataí – GO. Estivemos presente na aplicação de todos os testes, e constatamos que apesar de todos os sujeitos terem gostado de responder ao teste, alguns se sentiram constrangidos em responder à questão relacionada à atratividade, principalmente as mulheres.

Os professores de Educação Física, responderam a algumas questões específicas como foi mostrado anteriormente. Através das respostas, constatamos que os professores de Educação Física vêem o corpo numa perspectiva espiritual, feito e utilizado para adorar a Deus.

Na análise dos testes de Imagem Corporal, as respostas dadas a alguns itens dos testes nos chamaram bastante a atenção. Um desses aspectos foi a diferença de sensações de meninos e meninas, homens e mulheres.

Não havíamos pensado em realizar esta pesquisa separando-a por gênero, mas observando as sociedades internas das Igrejas Presbiterianas, verificamos que no início - na fase infantil - meninos e meninas estão juntos, o que continua na adolescência e mocidade, mas na fase adulta homens e mulheres são separados. Esta observação se deu a partir da pesquisa, o que nos leva a analisar os resultados fazendo essa separação de gênero.

Segundo Scott (1988) citado por Sousa (1999) a questão central da discussão e definição de gênero, *repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder.*(p.26, 27)

Conforme a autora, uma compreensão mais profunda de gênero implica a análise da inter-relação de quatro elementos. O primeiro refere-se aos *símbolos culturais* que carregam em si múltiplas representações até mesmo contraditórias; o segundo diz respeito aos *conceitos normativos* que interpretam esses símbolos, expressos nas doutrinas religiosas, educacionais, científicas, políticas e jurídicas, os quais se apresentam geralmente dualisticamente, categorizando o masculino e o feminino. O terceiro elemento é constituído pelas *organizações e instituições sociais*, e como quarto elemento a autora aponta a *identidade subjetiva*.

Considerando que o gênero refere-se à uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos, Louro (1992) citado por Sousa (1999) afirma que é necessário considerar que numa mesma sociedade há diferentes construções de gênero, em diferentes contextos históricos, que dependem dos diferentes modelos, idéias e imagens de homens e mulheres que as diferentes classes, religiões, raças e idades possuem.

Mas ao mesmo tempo em que gênero é uma construção histórica e social existe nele um componente biológico, que segundo Connell (1990), são as características fisiológicas que determinam às pessoas viverem como homens e mulheres.

Sousa (1999) afirma que:

Quando nascem, os sujeitos já trazem determinadas características fisiológicas que os predispõem a viver como homens e mulheres, mas um conjunto de outros determinantes – sociais, psicológicos, culturais – pode conduzi-los a construírem-se em oposição ou consonância com as características biológicas. Existe,

assim, uma imbricação entre o social e o biológico, um jeito de ser masculino e outro de ser feminino, com atitudes e movimentos corporais próprios, socialmente entendidos como naturais de cada sexo. (p.28)

Existe uma série de elementos que são incorporados como naturais e diferentes para cada sexo. Bourdieu (1999), afirma que a construção dos sujeitos feminino e masculino não se limita ao social, mas é também corporal, pois cada sexo aprende movimentos, gestos e falas que lhe são determinados pela sociedade.

No gênero temos integradas de modo indissolúvel essas duas dimensões. [Não se pode distinguir] o que é físico e o que é social nos sujeitos masculino e feminino. Se os corpos assumem a organização social, a política, as normas religiosas e culturais, também é através de manifestações corporais que se expressam às estruturas sociais. O processo de educação de homens e mulheres supõe, portanto, uma construção social e corporal dos sujeitos. (CONNELL 1990; citado por SOUSA 1999, p.29).

Partindo do princípio de que o processo de educação dos sujeitos da nossa pesquisa é uma construção social e corporal, percebemos que suas sensações e manifestações são frutos dessa construção.

Analisando o teste de 19 crianças da UCP, onde 7 eram do sexo feminino e 12 do sexo masculino, percebemos que em alguns aspectos a

diferença de sensações entre meninos e meninas em relação ao próprio corpo era patente.

O desenvolvimento motor da criança foi e tem sido bastante estudado por vários autores, os quais nos mostram, que desde o nascimento até a idade adulta o ser humano desenvolve atividades motoras, das mais simples às mais complexas.

Segundo Tani et al (1988), o desenvolvimento motor do ser humano é um processo contínuo e demorado que acontece ao longo de toda a vida do ser humano. Mas pelo fato das mudanças mais acentuadas ocorrerem nos primeiros anos de vida, há uma tendência em se considerar o estudo do desenvolvimento motor como sendo o estudo do desenvolvimento da criança.

Os autores afirmam que dentro deste processo existe uma seqüência de desenvolvimento, que é a mesma para todas as crianças. Harrow (1983), citado por Tani (1988), com base na seqüência de desenvolvimento, apresenta alguns níveis de domínio motor, dentre eles estão as capacidades físicas que são: a força, a flexibilidade, a resistência a agilidade, dentre outras.

Tani et al (1988) afirmam que todas as crianças passam pela mesma seqüência de desenvolvimento de acordo com a faixa etária, indiferente do sexo. Afirmam também que apenas a velocidade de progressão varia, ou seja, a velocidade em que ocorre o domínio – nesse caso, das capacidades físicas – depende das experiências e diferenças individuais.

No resultado dos testes das crianças, verificamos que nas três primeiras questões que dizem respeito à condição física: “sinto que tenho força física”, “sou capaz de me deslocar rapidamente” e, “sou resistente à fadiga física”, a maioria dos meninos sentia essas capacidades como um aspecto muito forte neles, ou concordaram com a afirmação. Em se tratando

das meninas, algumas concordaram com a afirmação, sendo que outras sentiam essas capacidades como um aspecto fraco em seus corpos. Apenas na última questão da condição física, que diz respeito à flexibilidade: “o meu corpo é flexível”, as meninas concordaram ou sentiam essa capacidade como um aspecto forte em seus corpos, já a maioria dos meninos sentia como um aspecto fraco, e alguns concordaram com a afirmação.

Verificamos nestes resultados que há uma diferença significativa de sensações entre meninos e meninas, porém, acreditamos que o diferencial está nas experiências e diferenças individuais.

Como já foi colocado, os corpos assumem a organização social, a política, as normas religiosas e culturais, e expressam as estruturas sociais. Portanto, existe uma contínua inter-relação entre o social e o biológico, ou seja, um jeito de ser masculino, e um jeito de ser feminino, que são atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo (Connell 1990, citado por Sousa e Altmann 1999).

Sousa (1999) afirma que a concepção de gênero como opostos, não é exclusividade dos adultos, e observamos claramente nos resultados dos testes que isso acontece também entre as crianças.

Constatamos, portanto, que as normas culturais e sociais nos dizem que força, agilidade e resistência são características masculinas, e as crianças assumem esta concepção como sendo natural.

Observamos que esse tipo de experiência é um fator determinante no desenvolvimento das capacidades físicas abordadas, e também um aspecto que precisa ser explorado no trabalho de imagem corporal nas aulas de Educação Física. Pois acreditamos que a imagem corporal – que também é uma construção histórico-social e conseqüentemente determina nossas ações,

mas também, não é uma estrutura rígida, pois, está em constante transformação – modifica a história, a vida e as ações das pessoas no mundo.

Enquanto a força, agilidade e resistência física são aspectos fortes nos meninos e fraco nas meninas, a flexibilidade é fortemente sentida pelas meninas, e é um aspecto fraco dos meninos.

Na aplicação do teste com as crianças, alguns termos desconhecidos eram esclarecidos e, dentre eles, foi questionado o que era flexibilidade. Dada a explicação, algumas meninas relacionaram flexibilidade com movimentos do balé, como a “abertura”, talvez pelo fato de ser o balé, uma atividade mais “suave e feminina”, os meninos sentiram a capacidade “flexibilidade” como um aspecto fraco e as meninas um aspecto forte em seus corpos.

Bourdieu (1995), citado por Sousa e Altmann (1999), afirma que:

O mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimadoras de uma relação de dominação. (p.54)

A sociedade imprime em nossos corpos essas diferenças, e a religião reforça as mesmas, principalmente no sentido de legitimar a relação de dominação. Como já citamos anteriormente, as sociedades internas das Igrejas Presbiterianas não fazem separação de gênero entre crianças, adolescentes e jovens, mas o fazem entre os adultos, separando homens de mulheres.

Quando afirmamos que a religião reforça essas diferenças de gênero, no sentido de legitimar a relação de dominação, é pelo fato de que os ensinamentos religiosos cristãos – especificamente aqui, da Igreja Presbiteriana – estão arraigados nesta ideologia.

Tal ideologia se fundamenta no mito da criação, no qual na formação do mundo, Deus cria primeiramente o homem, e para que o mesmo não se sentisse só, de sua costela, cria a mulher.

Do mito da criação, como é encontrado em Gênesis, origina-se toda uma gama de ensinamentos doutrinários, nos quais o homem foi criado para a glória de Deus e a mulher para a glória do homem, ou seja, a mulher foi criada do homem e para o homem, e a ele deve ser submissa. O homem, nos ensinamentos cristãos, é o cabeça do lar, assim como Cristo é o cabeça da igreja.

Partindo de tal conceito doutrinário, as mulheres na Igreja Presbiteriana podem até ocupar cargos de liderança, o que não acontece em se tratando dos cargos oficiais da igreja, a saber, o presbiterato, diaconato e o pastorado. Tal participação das mulheres nos cargos oficiais da igreja só acontece na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil⁴. Ainda são poucas as pastoras, haja vista que a igreja passou a ordenar as mulheres para o ministério pastoral apenas a partir de 1998.

Não pretendemos neste estudo discutir o papel da mulher dentro da igreja, apenas queremos destacar a força que tem a igreja, no sentido de imprimir em nossos corpos suas normas, conceitos e valores.

⁴ A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil nasceu a partir de uma divisão na Igreja Presbiteriana do Brasil, no ano 1903. A divisão se deu basicamente em função de discordâncias entre os pastores brasileiros com os missionários americanos, por isso o nome de Igreja “Independente”. A proposta da nova Igreja era concentrar-se nas questões voltadas para a realidade brasileira.

A sociedade leva a criança à uma construção de gêneros como opostos, e a igreja reforça bastante essa mesma construção em seus ensinamentos, principalmente no sentido de legitimar a relação de poder.

Segundo Kunz (1993) no contexto escolar, a educação física é o campo onde por excelência, acentuam-se de maneira hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres.

A atividade esportiva em sua origem, conforme afirma Barreto (1999), era distinguida e caracterizada por ações que exigiam força, agilidade, destreza, e outras habilidades que eram dotes imprescindíveis a caçadores e guerreiros, a homens na luta pela sobrevivência, proteção e provisão de si mesmos e de outros.

Enquanto na Grécia antiga cabia aos homens o exercício físico, a prática do esporte, a formação e preparação para a guerra, à mulher cabia a maternidade, a lavoura, o pastoreio e outras tarefas domésticas. Não necessitava, portanto, ser ou tornar-se forte, ágil, e veloz, pois nenhuma dessas capacidades sustentava sua função na sociedade.

E por serem estas habilidades consideradas características masculinas, Soares (1994), mostra que ao longo da história da educação física na escola brasileira, a resistência ao trabalho integrado, ou seja, de turmas mistas, tem sido constante.

A história mostra também, que na aparência das diferenças biológicas entre os sexos, ocultaram-se relações de poder marcadas pela dominação masculina, que mantiveram a separação e hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista nas primeiras décadas do século.

Segundo Sousa e Altmann (1999) na educação física foram atribuídas à mulher características como fragilidade e emoções, e ao homem força e razão, *por meio das normas, de objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos ou – e sobretudo – os esportes.* (p.57)

Essa imagem do homem e da mulher tem persistido nas aulas de educação física. Em turmas mistas, meninas são excluídas de jogos e outras atividades por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas, o que - voltando ao início de nossa discussão - verificamos nos testes, que mesmo fisiologicamente não sendo mais fracas, menos resistentes ou menos ágeis, elas são levadas a se sentirem assim.

Outro aspecto que levantamos na descrição dos resultados e, que também aborda as relações de gênero, foi o fato de que a maioria das crianças presbiterianas que se sentem atrativas para pessoas do outro sexo são do sexo masculino, e as crianças que sentiam este, como um aspecto fraco em seus corpos, são do sexo feminino.

Podemos considerar a hipótese de que o não “sentir-se atrativo” ao sexo oposto pode estar ligado a alguns fatores, tais como o sentimento de inferioridade e repressão sofrida pelos sujeitos do sexo feminino, ambos resultantes do processo educacional, quer seja no âmbito familiar ou religioso.

Rezende citado por Moreira (1995) afirma que *tanto os indivíduos como os grupos, a família e a sociedade, a história e o mundo, estão implicados na estrutura fenômeno-educacional (...)* E a educação não nos parece, desde logo, como sendo fenômeno da aprendizagem da cultura. (p.28)

Segundo Moreira, a corporeidade é, existe, e através da cultura ela possui significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por meio da aprendizagem, significa aprendizagem da cultura, e aprendizagem da história. *Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura. (MOREIRA,1995 p.30)*

Assim sendo, a educação ou conscientização corporal, é ao mesmo tempo pessoal, política, cultural e histórica, pois essas dimensões representam a estrutura do fenômeno humano sem reduzi-lo a nenhum de seus elementos.

Se não podemos separar no processo educacional, o corpo, a história e a cultura, não podemos também buscar respostas para a incorporação de alguns conceitos e valores sem olhar para a construção histórica e cultural dos mesmos.

Olhando para a história, vemos que alguns movimentos sociais como o feminista, fizeram surgir várias interrogações e debates sobre posturas e comportamentos que, tradicionalmente, vinham sendo adotados como explicações “naturais” para atitudes discricionárias, procedimentos discriminadores e, políticas e práticas de dominação e submissão.

Segundo Moreira Neto (2000), nos anos 60 com o fim da chamada “revolução cultural” vem à tona a questão da submissão e da opressão feminina, enfocada pela luta do movimento feminista, que ressurgiu ampliando bandeiras além das reivindicações sufragistas e iniciando a discussão acerca de questões como sexualidade, corpo, autonomia feminina, aborto, etc.

A questão da submissão e da opressão feminina - especificamente na sexualidade a qual abordamos aqui - há muito tempo vem sendo alvo de discussões e debates, e ainda hoje, como observamos nas respostas das meninas, é um comportamento assimilado.

Nos anos 80, se deu o rompimento definitivo entre política e teoria juntamente com a emergência do termo “gênero”, que, conforme Scott (1990) é empregado para designar as relações sociais entre os sexos significando, assim,

(...) uma maneira de indicar ‘construções sociais’ - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. (SCOTT, 1990 p. 7)

Scott (1990) ressalta ainda que, *o termo gênero é uma tentativa das feministas contemporâneas de buscar caminhos de definição que difiram das teorias existentes de explicação das origens da desigualdade entre homens e mulheres. (p.13)*

O conceito de gêneros enquanto diferentes e opostos, com papéis sociais distintos e adequados a homens e mulheres, é uma construção social que nos leva a pensar que, se um determinado sexo é forte o outro é fraco, se a posição do homem desde a infância é de dominação e superioridade, conseqüentemente a da menina será de inferioridade.

Segundo Scott,

(...) existe uma criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres e o conceito de gênero enquanto diferentes e opostos, , que a legitimação de poder do sexo masculino sobre o sexo feminino leva a menina a assumir uma posição de passividade e retração, temendo que se sentindo atrativa seja considerada libertinas. (SCOTT 1990 p.7)

Segundo Barreto (1999), se considerarmos a história e o processo pelo qual foi construída a imagem da mulher, por sua distinta inserção na sociedade e até por oposição ao estereótipo masculino instituído, é possível sugerir algumas características consideradas femininas, tais como: frágil, delicada, maternal, gentil, calma, etc. Podemos verificar que foi construída socialmente uma esfera de “recatamento” em torno da mulher.

Rago (1999), abordando o assunto sobre a descoberta do clitóris da mulher como fonte de prazer, levanta a questão: se nos momentos de modernização econômica e de maior liberação das mulheres, o clitóris é redescoberto, da mesma maneira, é esquecido e silenciado em momentos de retração e de maior repressão moral e conservadorismo político. A autora considera a hipótese de que o clitóris é silenciado física e discursivamente nos momentos de maior controle sobre a mulher, sobretudo naqueles em que é associada à figura de mãe e, portanto, totalmente dessexualizada.

Podemos considerar diante do exposto que, o controle dessa informação sobre o corpo da mulher, seria uma forma de contenção do desejo e normatização das relações de gênero assegurando ao “sexo forte” a dominação e o poder sobre a mulher.

Moreira Neto (2000), afirma que a compreensão de gênero como uma construção alicerçada em bases sociais, culturais, econômicas, psicológicas, traz para a discussão dois aspectos importantes: um deles, a íntima vinculação de gênero com as relações de poder, e o outro, a definição de gênero enquanto representação.

Conforme Moreira Neto (2000) tanto um quanto outro aspecto dos citados acima, não podem ser admitidos ou mensurados como elementos separados e estanques, mas, constitutivos de realidades e eventos historicamente situados.

No que concerne a relação gênero e poder, algumas teóricas feministas, como Scott e Laurentis, buscam inspiração em Foucault, que entende as relações de poder como constelações dispersas de relações desiguais constituídas pelos discursos nos campos de forças sociais.

De acordo com a concepção foucaultiana de poder, no interior desses processos e estruturas, abrem-se as perspectivas para a constituição de um agente humano como resultante da tentativa de construção de uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade permeada por limites e dotada de uma linguagem que, por sua vez, além de ser conceitual, estabelece fronteiras e apresenta a alternativa da negação, da resistência, de reelaboração, das estratégias de reinvenção metafóricas e imaginativas.

Moreira Neto (2000) afirma que, considerando a “tecnologia de poder” de Foucault, algumas teóricas feministas reconhecem que o poder produz significados, valores, conhecimentos e práticas, tem aspectos explicitamente positivos e/ou negativos que explicariam porque, em determinados momentos, as pessoas adotam e professam determinadas verdades e não outras.

Nessa concepção, o poder modifica “os investimentos” feitos pelas pessoas ao adotar determinadas posições discursivas em detrimento de outras, com esta ação significando, segundo Laurentis, *algo entre um comprometimento emocional e um interesse investido no poder relativo (satisfação, recompensa, vantagem) que tal posição promete (mas não necessariamente garante)*. (1994 p. 225).

Essa abordagem para Moreira Neto (2000) é uma interessante tentativa de reconceitualizar o poder, ao apresentar o “investimento” feito pela pessoa como um dos elementos que, nas relações de poder, determinam as ações, posturas, comportamentos, linguagens, representações que se fazem do ser homem e do ser mulher.

Dessa forma, Laurentis (1994) sugere que seria o agenciamento contextualmente situado que passaria a ser percebido pelo sujeito, especialmente por aqueles que foram vitimados pela opressão social ou desautorizados pelo binômio discursivo poder/conhecimento.

Conforme a autora,

Tal colocação pode explicar, por exemplo, não só por que as mulheres (pessoas de um gênero), têm historicamente feito investimentos diferentes e, conseqüentemente, tomado posições diferentes quanto ao gênero e a práticas e identidades sexuais (celibato, monogamia, frigidez, papéis sexuais, lesbianismo, heterossexualidade, feminismo, antifeminismo, etc.); mas pode explicar também o fato de que “outras importantes dimensões da diferença social, como classe, raça e idade, cruzam o gênero para favorecer ou desfavorecer certas posições”. (LAURENTIS, 1994 p. 225)

Não pretendemos neste estudo buscar explicação para os conflitos de gênero apenas na relação dominação e opressão, como fazem as abordagens reducionistas, mas enfatizaremos esta relação por estar diretamente ligada à questão que estamos abordando.

Alguns teóricos abordam a dominação masculina como “*dominação simbólica*”, ou seja, instituída nas relações sociais entre os sexos, naturalizando nos dominados a aceitação da dominação. Essa dominação simbólica fica clara ao considerarmos o fato de que as meninas ao contrário dos meninos, não se sentem atrativas para pessoas do outro sexo, o que sugere que, o menino “por natureza”, é mais viril, forte e atrativo que elas.

A estrutura familiar reforça essa dominação simbólica, mantendo os papéis sexuais estereotipados, reservados ao macho e à fêmea. As categorias masculino e feminino no âmbito familiar são abafadas sob um neutralismo sexual que, unicamente, beneficia o mundo masculino, pois desde cedo, a menina é ensinada a comportar-se de forma recatada e passiva no tocante à sua sexualidade; o oposto se espera dos meninos, cuja virilidade é ainda associada à prática de relação sexual.

Na sociedade patriarcal, a mulher está submissa ao homem, pois é percebida como sexo inferior, fraco e pecaminoso. No âmbito da ética sexual,

Esta extrema diferenciação carregava consigo um dualismo moral explícito que contribuiu para legitimar e reforçar a ordem aparentemente natural da hierarquia de gênero: ‘a exploração da mulher pelo homem... convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as

liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado de obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino. (PARKER 1992 p. 58)

De acordo com esta compreensão, as relações sexuais são socialmente instituídas e engendram o mundo social e simbólico com os referenciais de masculinidade e feminilidade compondo dimensões do habitus e da dominação simbólica, cujas manifestações perpassam o universo habitado por dominantes e dominados.

Bourdieu (1999) estende a explicação da dominação masculina a todas as formações sociais, ao destacar que:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, é a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, como o salão, e a parte feminina, como o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.(BOURDEIU, 1999 p.18)

Segundo Bourdieu (1999) esta dominação simbólica, opera num campo mágico que incorpora não somente o assentimento ao dominante, mas a naturalização desta dominação por parte de dominantes e dominados, exercendo sobre os corpos um poder que, em nenhum momento, traz o signo da coação física.

A dominação simbólica para Bourdieu (1999): 50-51),

(...) encontra suas condições de possibilidades e sua contrapartida econômica (no sentido mais amplo da palavra) no imenso trabalho prévio que é necessário para operar uma transformação duradoura dos corpos e produzir as disposições permanentes que ela desencadeia e desperta; ação transformadora ainda mais poderosa por se exercer, nos aspectos mais essenciais, de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e de experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação. (BOURDEIU 1999 p. 50-51)

Para o autor citado, a dominação masculina centrada na dominação simbólica ainda é o princípio que justifica e legitima as demais formas de dominação/submissão, exercitadas de maneiras singulares e múltiplas, sendo diferentes em suas formas segundo a posição social, geográfica, espacial, étnica, de gênero, dos agentes envolvidos e, se homogeneiza separando e unindo, em cada universo social, homens e mulheres, mantendo entre eles, uma mística linha de demarcação.

A dominação simbólica que explica a dominação masculina presente em todas as sociedades marcadas pela composição androcêntrica finaliza Bourdieu, somente abre possibilidades de transformação quando os dominados se apercebem de que eles tais como a dominação que os constituiu, contribuem para sua dominação.

Por em foco os efeitos que a dominação masculina exerce sobre os habitus masculinos não é, como alguns poderão crer, tentar desculpar os homens. É mostrar que o esforço no sentido de libertar as mulheres da dominação, isto é, das estruturas objetivas e incorporadas que se lhes impõe, não pode se dar sem um esforço paralelo no sentido de liberar os homens dessas mesmas estruturas que fazem com que eles contribuam para impô-la. (BOURDIEU 1999 p.136)

O autor coloca que a libertação do conceito de naturalização dessa dominação está impregnada na sociedade, o que nos leva a entender que tanto as mulheres quanto os homens precisam se libertar deste conceito social.

Se a dominação masculina sobre o corpo e sexualidade da mulher – que trataremos ainda como dominação simbólica – é uma questão social, a mulher religiosa sofre duplamente esta dominação, tanto na sociedade quanto na religião que reforça essa dominação simbólica.

Tamez (2000, p.88) afirma que a Bíblia, *interpretada androcêntrica e patriarcalmente, foi fonte de legitimação para marginalizar a mulher*. As próprias mulheres enfrentam alguns problemas ao lerem a Bíblia, pois

facilmente são encontrados textos que as discriminam, principalmente no que diz respeito à sua sexualidade.

Do antigo ao novo testamento é fácil identificar que o contexto era patriarcal tendo uma dominação social do homem. É possível verificar também um movimento sexista que solidifica e fortalece mecanismos de exclusão da mulher dos espaços decisivos da vida do povo.

Na igreja observamos que o corpo precisa ser reprimido, haja vista que, não sendo espiritual está em oposição ao mesmo e, portanto a Deus. As maiores vítimas de tal concepção são as mulheres, cuja sexualidade precisa ser reprimida, principalmente porque a sociedade patriarcal, ‘coisifica’ a mulher, tornado-a mero objeto para o deleite masculino.

O estereotipo da ‘boa’ mulher, desta forma, é a da boa mãe, dona de casa e submissa. A mulher em que a sensualidade se aflora é vista como leviana, por isso a educação tanto no âmbito familiar quanto religioso tende a reprimir os impulsos que são vistos como ‘anormais’, porque fogem do padrão da “mulher esposa/mãe”.

Estes conceitos, embora estejam sofrendo mutações contínuas a partir das revoluções feministas como já abordamos anteriormente, não estão de forma alguma ausentes na atual conjuntura da sociedade e, portanto, da igreja, e isso podemos perceber de forma clara na avaliação das respostas obtidas nos questionários, no qual as professoras de educação física demonstraram fazer parte deste contexto, na medida em que nas suas respostas assumem tal concepção.

As mulheres nas relações de gênero ainda continuam sendo dominadas, aceitam e assumem esse papel como sendo natural.

Os homens, em todas as questões do teste se mostraram superiores às mulheres, se sentiam mais fortes, mais atrativos, mais confiantes e mais satisfeitos em seus corpos. Ao contrário, as mulheres se sentiam mais fracas, menos atrativas e não se sentiam satisfeitas em seus corpos.

A sensação das mulheres, ou seja, a imagem corporal das mesmas, como já abordamos anteriormente no capítulo de imagem corporal, é uma construção social, uma vivência, fruto de uma longa história de “dominação simbólica”, uma relação de poder que ainda hoje é sustentada pela sociedade, pela religião e até mesmo pelas próprias mulheres.

As respostas dadas pelos sujeitos às questões “Sinto-me assustado com a possibilidade de adoecer” e “Sinto-me assustado com a possibilidade de ter uma incapacidade”, também foi outro aspecto que consideramos relevante para a presente discussão pelo fato de que a grande maioria dos sujeitos sentiu ambas as questões como um aspecto forte em seus corpos. Levantamos aqui algumas hipóteses para a reflexão.

Malinowisk citado por Geertz (1989) concebeu a teoria da confiança rústica, segundo a qual a religião ajuda as pessoas a suportarem *situações de pressão emocional, abrindo fugas a tais situações e tais impasses que nenhum outro caminho empírico abriria, exceto através do ritual e da crença no domínio do sobrenatural.* (p.118)

A experiência universal da dor, sofrimento, doença, morte, etc. fez com que o cristianismo, assim como praticamente todas as religiões, procurasse fornecer respostas a estas questões, ou na linguagem antropológica, *formular por meio de símbolos, uma imagem de tal ordem genuína do mundo, que dará conta e até celebrará as ambigüidades*

percebidas, os enigmas e paradoxos da experiência humana. (GEERTZ 1989, p. 24)

Segundo o autor, a religião é interessante não porque descreve a ordem social, mas porque a mesma tem o poder de modelar a sociedade assim como fazem o ambiente, o poder político, a riqueza, a obrigação jurídica, a afeição pessoal, etc.

A concepção cristã, propriamente dita, tem na tradição judaica o fundamento para sua compreensão de ‘saúde/doença’. McDonald, citado por Horton (1996) resumiu assim a concepção Véttero Testamentária, relacionando ‘salvação’ e ‘saúde’: *No Antigo Testamento ‘ser salvo’ tem o significado geral primário de ser livre ou preservado de um perigo ou de uma doença; o resultado é experimentar a segurança ou a saúde”.* (p. 515)

Segundo Link (2000),

A compreensão primária do NT (Novo Testamento), (...) é que a doença e os demônios que trazem doenças, mesmo quando Deus permite que ajam (Atos 12.23; 2 Coríntios 12.7), têm a ver com o poder das forças hostis que se opõem ao domínio de Deus (Marcos 1.23-23; 3.27). A luta de Jesus contra as doenças está de acordo com este conceito. De um lado, rompe a terrível conexão entre pecado e doença (Marcos 2.2 e segs), pela certeza do perdão que Ele dá; do outro lado, faz raiar o reino de Deus ao expulsar os demônios e curar os doentes (Marcos 5.1 e segs; Lucas 11.20). (LINK 2000, p. 882)

Esse novo ethos, termo usado por Geertz (1989)⁵, é apreendido pela maioria os conversos quase que sem nenhum questionamento. Durkheim (1989) fala da verdadeira função da Religião:

Os adeptos de uma Religião sabem que a verdadeira função da Religião, não é fazê-los pensar, e sim ajudá-los a viver. O cristão sente em si força maior para suportar as dificuldades de existência e para vencê-las. Sente-se à parte das misérias da humanidade, porque acredita estar protegido por uma força superior que o eleva da condição de simples homem, colocando-o como filho de Deus. (DURKHEIM 1989 p. 440)

Alves citado por Campos (1999) coloca a conversão como ponto de partida fundamental para se analisar a maneira pela qual o indivíduo, protestante especificamente, percebe e constrói a realidade ao seu redor. “Converter” é adotar uma nova matriz geradora de visões do mundo, é reestruturar a realidade que entrou em colapso num momento de intensa crise. A conversão assim, *se torna uma resposta a uma situação de crise e vem resolver um impasse emocional, oferecendo ao indivíduo uma ferramenta com a qual um novo universo simbólico passa a ser rearticulado.*(ALVES apud CAMPOS 1999, p. 356)

O indivíduo que se converte passa por uma profunda experiência existencial que, segundo Campos (1999), envolve aspectos catárticos

⁵ Em seu trabalho, Geertz (1989) aponta que a Religião aparece como uma forma de representação do mundo, isto é, uma forma de concepção do mundo. Geertz afirma tal perspectiva e define religião como um sistema de símbolos, ou sistema cultural, *que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.*(p. 104)

produtores de importantes alterações no projeto de vida de quem a experimentou.

Conforme James (1995) citado por Campos (1999), a conversão é um processo, gradual ou repentino, por cujo intermédio um eu até então dividido e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz.

A doença, neste sentido, é uma negação da crença de que a conversão estabelece uma nova realidade de felicidade e bem estar. O cristão, especificamente o protestante, é um indivíduo que faz uma relação direta entre pecado/doença. Campos (1999) observa que o cristão protestante crê que *desde a introdução do pecado original por Adão, faz parte da condição humana decaída, a presença de uma desordem interiorizada e experimentada na forma de doença, mal estar, sofrimento, pobreza e morte. (p. 357)*

As crenças cristãs, como expostas acima, formam assim o senso comum dos cristãos, segundo o qual a doença é quase sempre associada, portanto, à ausência de virtude ou à condenação divina. Dentro dessa lógica, estar enfermo é situar-se fora de determinada ordem, especificamente da ordem simbólica da qual ele teria se separado.

Campos (1999) coloca ainda que *Curar é fazer o indivíduo retornar as origens sadias, tal como foi o ser humano no momento da criação, pois, se o natural é ser sadio, a sua negação, doença, sofrimento e morte, não passam de a manifestação demoníaca. (p. 359)*. O autor acrescenta, citando Eliade que afirma que,

a cura é a “regeneração do ser humano” conseguida através de um regresso aos tempos de origem, cujo fim terapêutico é começar outra vez a existência, nascer (simbolicamente) de novo. A concepção subjacente a estes rituais de cura parece ser a seguinte: a vida não pode ser reparada, mas somente recriada pela repetição simbólica da cosmogonia (...). (ELIADE apud CAMPOS 1999, p. 359)

Diante de tal compreensão com respeito à doença não se pode estranhar o fato da grande maioria dos questionados manifestar preocupação com a possibilidade da doença.

Sobre a relação entre sofrimento/mal, Geertz (1989) afirma que *o problema do sofrimento recai facilmente no problema do mal, pois se o sofrimento é normalmente muito cruel, embora nem sempre, ele é também considerado moralmente imerecido, pelo menos para o sofredor. (p. 121)*

A religião nunca é apenas metafísica, nem meramente ética, mas possui também um caráter moral. Para os adeptos de uma crença religiosa, a visão de mundo imposta por tal religião torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica, isto é, esse estilo de vida propagado pela religião assume o caráter de único modo de vida correto aceitável por Deus.

É neste sentido que parece claro que o senso comum entre os cristãos protestantes, - especificamente os presbiterianos - de “sentir-se assustado com a possibilidade de adoecer” ou “sentir-se assustado com a possibilidade de ter uma incapacidade”, está intimamente relacionado com a crença de que “doença/mal” ou incapacidade/condenação” contrapõem

diretamente a idéia de “saúde/salvação”. Afinal, ser um doente ou ser alguém que sofre, é trazer em si o mal, pois o cristão doente encarna o que a sua doutrina reprova.

Outra reflexão que podemos levantar sobre essa questão, é a relação entre o doente e o meio social.

Segundo Miskolci (1999), o mundo da saúde é social, o mundo do indivíduo ativo é integrado a seu grupo, já o doente é aquele indivíduo que está livre das exigências sociais, mas sob a ameaça da exclusão.

Para o autor citado, a doença é um fenômeno mais elaborado do que a saúde, pois é fonte de problema e, portanto, objeto de consciência e comunicação. A saúde e a doença são vividas e pensadas pelo indivíduo com referência às suas relações com a sociedade.

A doença, assim, expõe o indivíduo, na linguagem de Miskolci (1999), ao sofrimento que bifurca em duas faces: a biológica, a qual apresenta ao homem seu aspecto humilhanamente animal e finito, e a face social, a qual expõe o fundamento da sociedade como sendo o da exclusão dos diferentes, a negação da alteridade.

Neste sentido, o diagnóstico da doença é a exposição ou afirmação de uma identidade que talvez se quisesse ocultar. O temor ou preocupação nascente da possibilidade da adoecer pode ser assim, fruto da vergonha, no fato de que ser diagnosticado como doente parece excluir o indivíduo do meio social.

A análise dos questionários demonstra interessantemente que são os homens adultos os mais preocupados com a possibilidade da enfermidade. Talvez este fato explicita a relação entre saúde e produção.

Tal questão também foi abordada por Miskolci (1999) que afirma que a sociedade cria a norma da atividade produtiva e passa progressivamente a perseguir os inativos. Na verdade, o próprio termo inatividade mascara a apreciação negativa por parte da sociedade das atividades sem fins lucrativos, ditas inúteis ou improdutivas.

A doença torna-se uma questão social pela inatividade, é ela que faz com que a doença transborde do plano orgânico para o das relações do indivíduo com os outros, alterando seu status no grupo.

Weber (1985) já nos chamara a atenção para este ethos protestante, algo que se converteria em benefício para o capitalismo, embora não fosse essa a intenção ao promover a acumulação, pois no protestantismo tudo se orientava para a livre graça de Deus e para o destino no além, pois a vida terrena era só uma passagem ou um vale de lágrimas. Segundo Weber, *para o puritano o lucro era consequência involuntária mas sintoma importante da própria virtude.* (1985, p. 157)

O autor citado, nos mostra que nos países onde a Reforma foi mais intensa, conquistando grande número de adeptos, o comportamento dos grupos religiosos propiciou o processo de acumulação de capital, através de doutrinas, muitas delas presentes no calvinismo. Dentre as doutrinas de Calvino, está a concepção de que a prosperidade, material ou econômica, é sinal de escolha ou de bênção divina, dessa forma foi que na Europa o Calvinismo serviu de suporte religioso para a burguesia nascente.

A idéia do trabalho como bênção de Deus, e que portanto, deve ser exercido com todas as condições do escolhido, deu base para uma associação ideológica entre o sucesso pessoal e a providência divina. Lembremos que as Igrejas Presbiterianas no Brasil são oriundas do movimento calvinista,

mantendo no seu sistema doutrinário as mesmas doutrinas defendidas por Calvino no século XVI.

Podemos pensar nestas questões, considerando que os sujeitos presbiterianos que responderam aos questionários possivelmente estabeleceram a relação doença/incapacidade a pecado/maldição, devido às respostas obtidas nos testes de Imagem Corporal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que é papel da Educação Física promover uma transformação na sociedade, ampliando as possibilidades do corpo se manifestar como realmente ele é.

Porém, quando o professor de Educação Física trabalha circunscrito aos valores de ordem social que negam essa maneira de ver o corpo, ele está reduzindo a possibilidade de percepções inerentes a este corpo, e ao mesmo tempo transmitindo um modelo de aceitação da repressão e do abafamento das manifestações mais individuais e subjetivas de cada ser humano.

Quando afirmamos no início deste trabalho que era necessário olharmos o pano de fundo da questão, era no sentido de não somente permitir as manifestações corporais, respeitando a individualidade de cada corpo, mas também entender e refletir sobre a causa das mesmas.

Vemos o corpo dos outros a partir da nossa vivência, história, ou seja, do nosso próprio corpo, sendo assim o nosso corpo é o elo de ligação entre nós mesmos, os outros e o mundo.

Desta forma quando o próprio professor de Educação Física não vê o seu corpo como uma forma de existencialidade, a transformação proposta em sua ação profissional se torna impossível; pois é necessário que o mesmo veja o seu próprio corpo conscientemente, na sua integralidade, como fonte de percepção, vivência e prazer.

Precisamos ver o nosso corpo, como um corpo que sente prazer, contudo, também sofre e sente dor, porque somos corpos dotados de sensibilidade. Sendo assim, ele não deve ser reprimido ou subjugado, por

conceber o sofrimento como condenação divina. Tal fato é consequência de olhar para o próprio corpo a partir da perspectiva religiosa que quase sempre o torna um anexo, dividindo aquilo que é uno e integral.

Percebemos na análise da pesquisa de campo e na decorrente discussão, que a enfermidade do corpo, desta forma, pode ser explicada como consequência de castigo divino, ao mesmo tempo em que o corpo se torna instrumento de trabalho, porque a produção e prosperidade são vistas como virtudes e frutos da recompensa divina.

O corpo, neste sentido, não pode gozar e fruir o prazer, pois tais comportamentos são levianos e contrários à doutrina religiosa que se professa. Tal fato se nos apresenta contraditório, pois tanto o sofrimento quanto o prazer estão relacionados ao pecado, condenando o corpo ao anulamento de sensações.

A partir de tais constatações, é inegável a importância da Educação Física no sentido de possibilitar trabalhos e pesquisas que como esta, ampliem a reflexão das questões discutidas neste estudo. Pois acreditamos que a reflexão sobre estas questões, seja o ponto de partida para que surjam outras perspectivas sobre o corpo, no sentido de superação de modelos existentes que, assim como a família, a religião e grupos sociais, alienam o corpo e o restringem à mera instrumentalidade.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Luciana de Andrade. Identidade feminina no esporte: a representação social da mulher no futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis: CBCE, 21(1), set. 1999, pp. 1130-1136.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

CAMPOS, L. Silveira. *Teatro, Templo e Mercado*. São Bernardo do Campo, Unesp, 1999.

CONNEL, Robert W. Como teorizar o patriarcado?. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2. Porto Alegre, jul./dez. 1990, pp. 85-93. Número Especial Mulher e Educação.

DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, S.P.: Papyrus, 1995.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1989.

FISHER, Seymour. The evolution of Psychological Concepts about the Body In: CASH, T. F. & PRUZINSKY, T. Et al. *Body Images: Development, Deviance, and change*. New York: The Guilford Press, 1990.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*. São Paulo: CPAD, 1996.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. *Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física*. Dissertação de Mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 1993.

LAURENTIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 206-242.

LE BOULCH, Jean. *Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LINK, H.G. Doença. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

LOVO, T. M. A. *Adaptação e Aplicação de questionários de Imagem Corporal em Portadores de Hemiplegia*. Campinas SP, 2001. Monografia (Especialização) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

MENDONÇA, Antônio de Gouveia & FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Ciências da Religião/Loyola, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MISKOLCI, Richard. *Doença e Diferença*. Disponível em: <<http://www.richardmiskolci.slg.br/rdd.html>> Acesso em 03 out 2002.

MOREIRA NETO, Mariana. A categoria “gênero”: considerações acerca de suas variações e validades. *Política & Trabalho*. n.16, set. 2000. pp. 137-149.

MOREIRA, Wagner Wey. O fenômeno da corporeidade: Corpo pensado e corpo vivido. In DANTAS, E.H.M. (org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

_____. *Corpo presente*. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção corpo e motricidade).

PARKER, R. C. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Ed. Best Seller, 1992. p. 58

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: Novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1992.

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do clitóris. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis: CBCE, 21(1), 1999, pp. 61-69.

RUDIO, F. V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16. Porto Alegre: FE/UFRS, jul/dez. 1990.

SHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da Psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SIMÕES, Regina M. R. *Do corpo no tempo ao tempo do corpo: a ciência e a formação profissional em Educação Física*. Campinas, S.P, 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: Raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. (Coleção Educação Contemporânea).

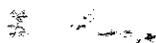
SOUZA, Eustáquia S. e ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Corpo e Educação*, n. 48. Campinas: Cadernos Cedes, ago. 1999, pp.52-68.

TAMEZ R. Mulher. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

TANI, G. et al. *Educação física escolar: fundamentos para uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: E.P.U./Edusp, 1988.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1985.



ANEXO 1
TABULAÇÕES DAS RESPOSTAS DOS TESTES DE IMAGEM
CORPORAL

**TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS REFERENTES À
QUESTAO 1, OBTIDAS ATRAVÉS DOS TESTES APLICADOS EM:**

19 crianças membros da UCP

20 adolescentes da UPA

20 jovens da UMP

20 mulheres da SAF

20 homens da UPH

CONDIÇÃO FÍSICA (CRIANÇAS)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

	M/F		M/F		M/F	
Sinto que tenho força física	1	0	8	4	4	2
Sou capaz de me deslocar rapidamente	4	2	3	2	5	3
Sou resistente à fadiga física	1	3	4	5	3	3
O meu corpo é flexível	3	4	2	3	3	3

CONDIÇÃO FÍSICA (ADOLESCENTES)

	Aspecto fraco		Concordam		Aspecto forte	
	M	F	M	F	M	F
Sinto que tenho força física	3	2	8	6	1	0
Sou capaz de me deslocar rapidamente	4	1	5	6	3	1
Sou resistente à fadiga física	3	3	5	5	4	0
O meu corpo é flexível	4	2	4	5	3	2

CONDIÇÃO FÍSICA (JOVENS)

	Aspecto fraco		Concordam		Aspecto forte	
	M	F	M	F	M	F
Sinto que tenho força física	1	0	9	5	4	1
Sou capaz de me deslocar rapidamente	1	1	4	6	4	4
Sou resistente à fadiga física	4	2	4	7	2	1
O meu corpo é flexível	2	2	4	10	1	1

CONDIÇÃO FÍSICA (MULHERES)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

Sinto que tenho força física	5	13	2
Sou capaz de me deslocar rapidamente	2	13	5
Sou resistente à fadiga física	8	9	3
O meu corpo é flexível	7	13	0

* * *

CONDIÇÃO FÍSICA (HOMENS)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

Sinto que tenho força física	1	14	5
Sou capaz de me deslocar rapidamente	1	15	5
Sou resistente à fadiga física	3	14	3
O meu corpo é flexível	8	8	4

**TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS REFERENTES À
QUESTAO 2, OBTIDAS ATRAVÉS DOS TESTES APLICADOS EM:**

HABILIDADE CORPORAL (CRIANÇAS)

	Aspecto fraco		Concordam		Aspecto forte	
	M	F	M	F	M	F
Tenho habilidade para dançar	4	3	5	3	1	5
Tenho habilidade para jogos	0	0	7	2	6	4
Tenho habilidade manual	2	2	4	3	4	4
Aprendo facilmente diferentes gestos	2	1	7	7	2	0

HABILIDADE CORPORAL (ADOLESCENTES)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

	M/F		M/F		M/F	
Tenho habilidade para dançar	5	5	0	2	2	6
Tenho habilidade para jogos	3	1	3	2	4	7
Tenho habilidade manual	2	2	4	3	4	5
Aprendo facilmente diferentes gestos	2	0	6	6	3	3

HABILIDADE CORPORAL (JOVENS)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

	M/F		M/F		M/F	
Tenho habilidade para dançar	3	1	6	6	1	3
Tenho habilidade para jogos	4	1	5	2	5	3
Tenho habilidade manual	1	2	3	9	2	3
Aprendo facilmente diferentes gestos	1	1	6	7	3	2

HABILIDADE CORPORAL (MULHERES)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte**

Tenho habilidade para dançar	10	8	2
Tenho habilidade para jogos	9	10	1
Tenho habilidade manual	6	11	4
Aprendo facilmente diferentes gestos	8	11	1

HABILIDADE CORPORAL (HOMENS)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte**

Tenho habilidade para dançar	16	3	1
Tenho habilidade para jogos	5	13	2
Tenho habilidade manual	3	12	5
Aprendo facilmente diferentes gestos	5	10	5

**TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS REFERENTES À
QUESTAO 3, OBTIDAS ATRAVÉS DOS TESTES APLICADOS EM:**

SAÚDE (CRIANÇAS)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

M/F

M/F

M/F

Sinto-me bem disposto	2	2	3	4	4	5
Sinto-me com vigor	0	0	8	3	5	3
Sinto-me assustado pela doença	4	5	3	3	2	2
Sinto-me assustado com a Possibilidade de adoecer	3	3	2	5	3	3
Sinto-me assustado com a Possibilidade de ter uma Incapacidade	5	3	3	3	3	2
Sou resistente à doença	1	1	5	4	4	4
Não me sinto assustado com a Possibilidade de adoecer	6	3	2	4	3	1
Tenho confiança em meu corpo	1	0	2	5	5	6
Tenho uma boa saúde	0	0	2	1	9	7

SAÚDE (ADOLESCENTES)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte**

	M/F		M/F		M/F	
Sinto-me bem disposto	0	0	5	6	4	5
Sinto-me com vigor	3	1	4	4	5	3
Sinto-me assustado pela doença	7	10	2	1	0	0
Sinto-me assustado com a Possibilidade de adoecer	7	7	2	2	2	0
Sinto-me assustado com a Possibilidade de ter uma Incapacidade	5	3	7	3	2	1
Sou resistente à doença	2	2	6	4	3	2
Não me sinto assustado com a Possibilidade de adoecer	4	1	4	3	4	4
Tenho confiança em meu corpo	0	0	6	6	5	2
Tenho uma boa saúde	0	0	5	4	6	5

SAÚDE (JOVENS)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte**

	M/F		M/F		M/F	
Sinto-me bem disposto	0	0	6	6	5	3
Sinto-me com vigor	1	0	5	6	6	2
Sinto-me assustado pela doença	6	7	4	2	1	1
Sinto-me assustado com a Possibilidade de adoecer	6	3	4	3	3	1
Sinto-me assustado com a Possibilidade de ter uma Incapacidade	5	6	2	3	2	3
Sou resistente à doença	0	2	6	7	2	3
Não me sinto assustado com a Possibilidade de adoecer	4	5	4	4	0	2
Tenho confiança em meu corpo	2	0	8	6	2	2
Tenho uma boa saúde	0	0	6	6	4	4

SAÚDE (MULHERES)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte**

Sinto-me bem disposto	0	14	6
Sinto-me com vigor	2	13	5
Sinto-me assustado pela doença	10	5	5
Sinto-me assustado com a Possibilidade de adoecer	7	9	4
Sinto-me assustado com a Possibilidade de ter uma Incapacidade	7	9	4
Sou resistente à doença	5	9	6
Não me sinto assustado com a Possibilidade de adoecer	11	5	3
Tenho confiança em meu corpo	0	12	6
Tenho uma boa saúde	0	11	7

SAÚDE (HOMENS)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte**

Sinto-me bem disposto	1	10	9
Sinto-me com vigor	1	14	5
Sinto-me assustado pela doença	9	8	3
Sinto-me assustado com a Possibilidade de adoecer	8	6	6
Sinto-me assustado com a Possibilidade de ter uma Incapacidade	7	7	5
Sou resistente à doença	2	11	6
Não me sinto assustado com a Possibilidade de adoecer	6	7	7
Tenho confiança em meu corpo	2	9	5
Tenho uma boa saúde	3	9	4

**TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS REFERENTES À
QUESTAO 4, OBTIDAS ATRAVÉS DOS TESTES APLICADOS EM:**

APARÊNCIA (CRIANÇAS)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

	M/F		M/F		M/F	
Gosto da maneira como me visto	1	0	2	4	5	7
Cuido da minha aparência cotidiana	0	0	4	7	3	4
Sinto-me atrativo para pessoas do outro Sexo	1	6	3	2	6	1
Sinto-me bem no meu corpo	1	0	3	4	7	4

APARÊNCIA (ADOLESCENTES)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

	M/F		M/F		M/F	
Gosto da maneira como me visto	0	0	5	3	4	8
Cuido da minha aparência cotidiana	0	1	6	6	3	4
Sinto-me atrativo para pessoas do outro Sexo	3	2	7	5	3	0
Sinto-me bem no meu corpo	2	0	6	6	4	2

APARÊNCIA (JOVENS)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte****M/F****M/F****M/F**

	M/F		M/F		M/F	
Gosto da maneira como me visto	0	1	7	7	2	3
Cuido da minha aparência cotidiana	1	0	5	11	1	2
Sinto-me atrativo para pessoas do outro Sexo	1	2	8	5	2	1
Sinto-me bem no meu corpo	4	3	5	6	1	1

APARÊNCIA (MULHERES)

Aspecto fraco Concordam Aspecto forte

Gosto da maneira como me visto	2	16	2
Cuido da minha aparência cotidiana	1	14	5
Sinto-me atrativo para pessoas do outro Sexo	7	9	4
Sinto-me bem no meu corpo	7	7	6

APARÊNCIA (HOMENS)**Aspecto fraco Concordam Aspecto forte**

Gosto da maneira como me visto	2	10	8
Cuido da minha aparência cotidiana	2	8	10
Sinto-me atrativo para pessoas do outro Sexo	6	7	6
Sinto-me bem no meu corpo	2	7	11

Na questão 5 na qual os sujeitos responderam o que gostam mais e menos em seus corpos, os resultados foram:

As crianças gostam mais: rosto, lábios, boca, olhos, pernas. Gostam menos: dentes, peito e nádegas.

Os adolescentes afirmaram gostar mais dos olhos, ombros, coxas, boca, e menos dos braços, pés, dentes, unhas, pernas e volume corporal.

Os jovens responderam gostarem mais dos olhos, orelha, boca e rosto, e menos do abdômen, volume corporal e coxas.

As mulheres afirmaram gostar mais dos olhos, orelhas, boca e lábios, e menos dos dentes, abdômen e nádegas.

Os homens afirmaram gostar mais dos braços, mãos e costas, e menos do abdômen e volume corporal.

Na questão 6 que diz respeito ao que modificariam para se sentirem melhor com a aparência corporal, os resultados foram:

A maioria das crianças respondeu que não modificariam nada.

Os adolescentes afirmaram que gostariam de modificar o cabelo, a barriga, os pés e o peso.

Os jovens responderam que modificariam o peso, a barriga e os seios.

As mulheres responderam que modificariam as nádegas e o quadril.

Os homens, assim como as crianças, responderam que não gostariam de modificar nada, o que reafirma a questão central da nossa discussão sobre gênero.

ANEXO 2

Teste: A Minha Imagem Corporal – Original de David Rodrigues (1999)

A MINHA IMAGEM CORPORAL

(David Rodrigues, 1999)

- **Este questionário visa saber qual é sua opinião sobre a sua Imagem Corporal**
- **Deve responder tomando em atenção como vê e sente seu corpo presentemente**

Marque **0** quando achar que é um aspecto mais fraco em você.

Marque **1** quando você concordar com a frase.

Marque **2** quando achar que é um aspecto mais forte em você.

Faça um **X** em cima da opção que melhor corresponde ao que sente e vê seu corpo.

Idade:

Sexo:

Identificação:

Aspecto mais fraco	Concordo	Aspecto mais forte
--------------------	----------	--------------------

1. Condição Física

- | | | | | |
|----|--------------------------------------|----------|----------|----------|
| a. | Sinto que tenho força física | 0 | 1 | 2 |
| b. | Sou capaz de me deslocar rapidamente | 0 | 1 | 2 |
| c. | Sou resistente à fadiga física | 0 | 1 | 2 |
| d. | O meu corpo é flexível | 0 | 1 | 2 |

2. Habilidade Corporal

2.1. Tenho habilidade para dançar	0	1	2
2.2. Tenho habilidade para jogos	0	1	2
2.3. Tenho habilidade manual	0	1	2
2.4. Aprendo facilmente diferentes gestos	0	1	2

3. Saúde

3.1.a. Sinto-me bem disposto	0	1	2
3.1.b. Sinto-me com vigor	0	1	2
3.2.a. Sinto-me assustado pela doença	0	1	2
3.2.b. Sinto-me assustado com a possibilidade de adoecer	0	1	2
3.2.c. Sinto-me assustado com a possibilidade de ter uma incapacidade	0	1	2
3.3.a. Sou resistente à doença	0	1	2
3.3.b. Não me sinto assustado com a possibilidade de adoecer	0	1	2
3.4.a. Tenho uma boa saúde	0	1	2
3.4.b. Tenho confiança em meu corpo	0	1	2

4. Aparência

4.1. Gosto da maneira como me visto	0	1	2
4.2. Cuido da minha aparência cotidiana	0	1	2
4.3. Sinto-me atrativo para pessoas do outro sexo	0	1	2
4.4. Sinto-me bem no meu corpo	0	1	2

5. O que gosto mais e menos no meu corpo

- Assinale com sinal (+) as partes do seu corpo que mais gosta e com sinal (-) as partes que menos gosta. Não há necessidade de assinalar todas.

Cabelo

Olhos

Nariz

Orelha

Boca

Lábios

Dentes

Rosto

Braços

Mãos

Unhas

Ombros

Peito

Seios

Abdômen

Nádegas

Costas

Quadril

Coxas

Joelhos

Pernas

Pés

A minha altura

O meu volume corporal

6. Três coisas que eu modificaria para me sentir melhor com minha aparência corporal.

ANEXO 3
PERGUNTAS FEITAS AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PRESBITERIANOS DE JATAÍ-GO

1. O que você acha que é mais importante para Deus, o seu corpo ou sua alma/espírito? Porque?

2. O que você acha que seu corpo significa para Deus?

3. E para você, o que o seu corpo significa?